N.º 255 — 11.º ano

DELÍCIAS DO VERÃO

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
•
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535
N.º 255 — 11.º ANO
1 — AGOSTO — 1936

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

CRÓNICA DA QUINZENA

Queridos leitores da "Ilustração".

ESCREVO dum lindo recanto minhôto, cheio de vida, de sol e de côr, onde vim procurar o tão justo quão reduzido repouso, ao cabo de um ano inteiro de extenuante labuta.

É certo que não tenho aqui o bulício estonteante de Biarritz, do Lido, ou de qualquer outra praia chic em que cada um dos banhistas elegantes trabalha mais num dia, em mudanças de toilette e em danças constantes para distraír senhoras, do que sete galegos na descarga de vinte vagões de azeitona, mas também não vim até êste refúgio para me preocupar com coisa alguma.

Se não me rodeiam as tais comodidades de Ostende, também não me apoquentam as actuais atrapalhações de San Sebastian.

Tenho a paz deliciosa de que os meus nêrvos encrespados tanto careciam. E isto me basta.

Ontem cometi uma falta, uma grave falta de que me arrependo sinceramente, sôb a solene promessa de não tornar a caír noutra enquanto esta me lembrar.

Calculem que, vivendo numa pacatez virgiliana, dei-me ao luxo de descer a uma cidade que dista dêstes sitios uns trinta quilómetros bem medidos.

Porque fiz eu aquilo? Sei lá! Sei apenas que me deu na telha ir à cidade, como se não estivesse saturado de cidadades até à ponta dos cabelos...

Uma vez ali, começo a ouvir o roncar enervante dos automóveis, a berraria da T. S. F. que veio vingar cruelmente as grosserias que tantas vezes dirigimos às dengosas meninas que tocavam piano, e os alto-falantes dando notícias apavoradoras do que se passava por êsse mundo inteiro.

Empurrado por uma multidão de curiosos que me impedia a fuga, tive de ouvir contar, com mil e um pormenores que se contraditavam, a angustiosa situação da visinha Espanha; as já tradicionais convulsões chinesas que o Japão regula, consoante lhe convém; as já crónicas agitações na Palestina em que os árabes pretendem levar a melhor sôbre os judeus, perseguindo-os com mais dureza do que os cristãos de outras eras; a resistência que os abexins estão ruminando contra o invasor da sua terra, e que, mais dia menos dia, deve dar de si.

Mas quem me mandaria meter naquêles apêrtos?

Logo que apanhei uma aberta, larguei a fugir, e fui entrincheirar-me num café pacato, a-fim de poder limpar mais à vontade o suor que me encharcava.

Nisto, um individuo que eu não conhecia, largando o jornal que estava lendo, disparou-me êste desabafo:

— Então a Alemanha lá violou outra vez o Tratado?

— Não faço a mais pequena ideia — limitei-me a responder com a maior inferença.

— Pois vem aqui — insistiu êle estendendo-me a gazeta — veja aí na parte que fala de Dantzig.

— Não posso lêr — desculpei-me deixei os óculos em casa.

O homenzinho calou-se. Daquêle estava eu livre... Pelo menos, assim o pensei. E, saboreando uma cerveja morna como caldo que um criado mais môrno ainda me trouxera, voltei a pensar na paz deliciosa daquêle recanto donde nunca deveria ter saído.

Em dado momento, o importuno, que voltara a absorver-se na leitura do jornal, saíu-se com esta:

— É horrível o que se passa em Espanha, não acha?

Francamente aquêle miserável estava a abusar de mim, ou então era tão estúpido que não compreendera a minha esquiva em dar-lhe tréla.

E daí — quem sabe? — talvez fôsse um pobre homem que, confrangido com os males alheios, désse largas à sua indignação, aproveitando o primeiro mortal que estivesse disposto a aturá-lo.

— Bombardiar assim uma cidade, onde se abrigam velhos, mulheres e crianças, é bárbaro, não acha?

— Não, senhor, não acho — ripostei com bem fingida firmeza, na intenção de o disfrutar.

— Que horror, Santo Deus! — gemia o homenzinho — canhões assestados contra uma povoação, vomitando granadas, sôbre granadas... Pois não acha isto horrível?!

— Não, senhor. Acho até que tudo isso tem uma música encantadora.

— Essa agora! O senhor não está bom da cabeça!

— Estou, não se assuste... É que eu já estive em Espanha numa ocasião de revolta. Quando um canhão disparava uma granada sôbre qualquer ponto, ouvia-o nitidamente cantar numa toada plangente:

Adiós, Granada! Granada mia!

O homenzinho não quís ouvir mais, e saíu como uma bala, sem ao menos se despedir, como qualquer canhão, por mais grosseiro que fôsse, teria feito.

Era o momento próprio. Acabava de chegar a camioneta que me havia de reconduzir ao lindo recanto minhôto donde tão imprudentemente saíra para visitar a cidade.

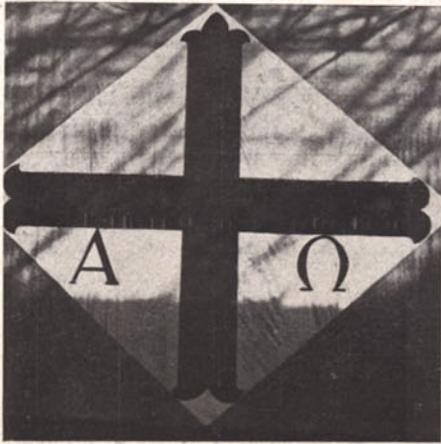
Agora, que me encontro novamente sossegado e cada vez mais firme no cumprimento da solene promessa que fiz, aconselho os meus queridos leitores a que façam o mesmo, fazendo votos porque tenham umas férias tão férias como as minhas.

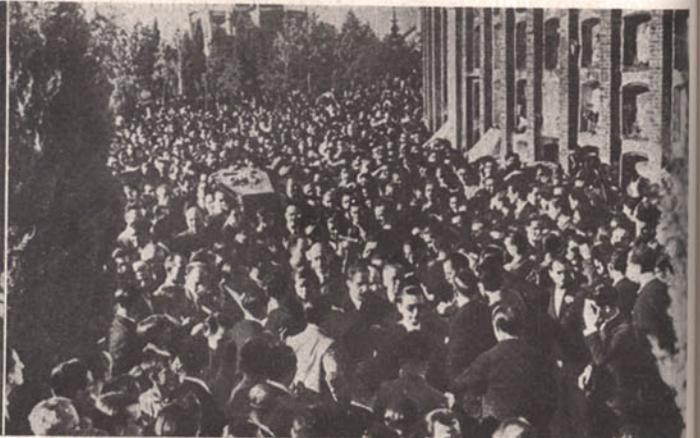
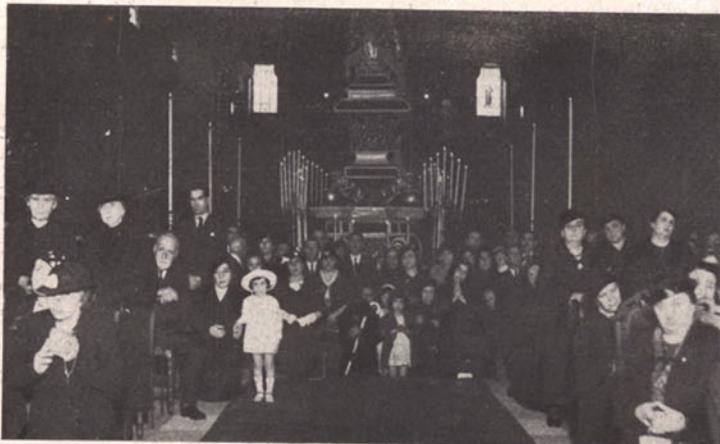
Ir ao estrangeiro para quê? As nossas praias são mais belas do que as mais famosas lá de fóra. Se lhes falta o bulício rugidor das grandes capitais, é justamente por isso que são próprias para cura de repouso. Basta que o mar com a sua orquestração majestosa nos delicie os ouvidos e vivifique os nossos pulmões combalidos com as lufadas de iodo.

Ir ao estrangeiro para quê? Se todo o mundo se encontra agitado, não será melhor repousar nêste querido e sossegado Porttugal, que é, como disse o Poeta, "um lindo jardim da Europa à beira mar plantado"?

At.º V.dor e muito grato,

Sergio de Montemor.

O FIM HORROROSO DE CALVO SOTELO

SACRIFICADO a uma sanha política inconcebível tombou o ilustre estadista espanhol Calvo Sotelo que um grupo de guardas de assalto, chefiado por um tenente, prendeu em sua casa e matou a tiro e à baionetada no caminho para um cemitério de Madrid. As nossas gravuras representam o fogoso deputado da «Renovação Espanhola» em três fases dos seus discursos de propaganda. A' esquerda a bandeira dos Tradicionalistas Espanhois.

CALVO Sotelo, ao abandonar a pasta da Fazenda que sobraçou na situação Primo de Rivera, tendo a seu lado o seu sucessor, Conde de Los Andes. A' direita: a filha de Calvo Sotelo, saindo da igreja de S. Domingos, onde se realizou uma missa de «Requiem» sufragando a alma do malogrado estadista espanhol. No rosto desta jovem espelha-se ainda nitidamente o horror por êsse crime espantoso que a precipitou na mais pungente orfandade.

AS exéquias na igreja de S. Domingos sufragando a alma de Calvo Sotelo. A' direita: Os funerais do caudilho da Renovação Espanhola atravessando uma das ruas de Madrid. A gravura patenteia bem a imponência do cortejo que, sendo uma manifestação de saudade, constituiu também um enérgico protesto contra o revoltante atentado. Os ideais não morrem ante a violência dos assassinos, antes se revigoram no sangue dos seus mártires.

A TRÁGICA MORTE DO GENERAL SANJURJO

Os restos fumegantes da avioneta em que o heroico cabo de guerra espanhol encontrou a morte quando levantava vôo da Marinha de Cascais

O general Sanjurjo no seu gabinete de trabalho em que tanto meditou para alcançar a redenção da sua Pátria. A' esquerda: o aviador Ansaldo após o desastre em que o glorioso pacificador do Riff perdeu a vida

As exéquias na igreja do Estoril por alma do general Sanjurjo que uma fatalidade irreparável impediu de derramar mais uma vez o seu sangue pela Pátria no angustioso momento em que ela mais carecia do seu valioso auxílio

A velar o cadáver do heroico general, apresentaram-se mancebos espanhois que, numa impressionante manifestação do seu patriotismo, saberão cumprir o que seu glorioso chefe lhes recomendára, e há de continnar a recomendar-lhes do Além-Túmulo

Dois aspectos do imponente cortejo fúnebre para o cemitério do Estoril, onde ficarão depositados os restos mortais do general Sanjurjo. Pela sua grandiosidade, vê-se a profunda simpatia que os portugueses tinham por êste heroi espanhol. Quando êle, iludindo a vigilância das autoridades portuguesas, procurava levantar vôo para o local do perigo que ameaçava a sua Pátria, devia levar saudades destas carinhosas paragens do Estoril!

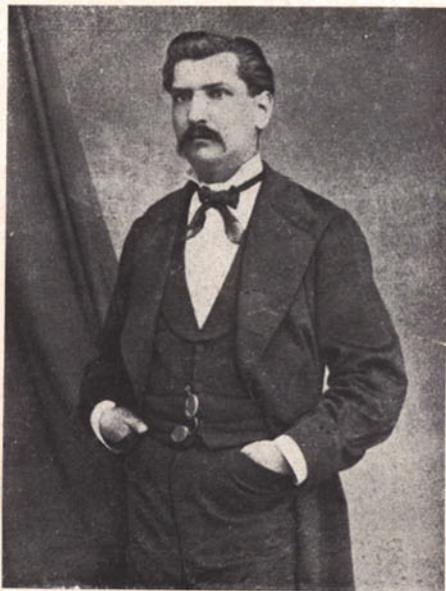
Manuel Pinheiro Chagas e a sua estátua

Falou-se há tempos em retirar da Avenida da Liberdade a estátua que um grupo de amigos e admiradores de Manuel Pinheiro Chagas fizera erguer à memória do grande escritor, numa tão sincera quão expontânea homenagem.

Mas porque havia de saír dali o monumento ao autor da "Morgadinha de Valflôr"?

Felizmente, esta ideia não passou de um simples boato, engendrado talvez pela visinhança do "Discóbulo" que, como se sabe, foi mostrar as suas habilidades para outro sítio, havendo até quem afirmasse que aproveitou a oportunidade para concorrer aos Jogos Olímpicos de Berlim.

Quanto ao nosso Pinheiro Chagas não lhe tocam agora, pelo menos.

Pinheiro Chagas bem mereceu a homenagem que lhe tributaram. O povo aprendeu a conhecê-lo e a venerá-lo. Nesse tempo saüdoso em que o romantismo se encontrava em plena florescência; em que Camilo Castelo Branco tomava o primeiro lugar na feitura do romance nacional, em que Rebelo da Silva punha nas suas telas o esplendor de tintas de Theophile Gauthier; em que Júlio César Machado brincava com a austeridade da língua portuguesa, nas graças parisienses dos seus folhetins, surgiu Manuel Pinheiro Chagas que, facilmente sugestionável como todos os novos, se entregou de alma e coração à escola romântica.

Manuel Pinheiro Chagas

Um crítico, referindo-se a Pinheiro Chagas, afirmou que "a adoração dêste escritor por Octave Feuillet era tal que, durante longos anos, procurou imitá-lo o mais possível". E acrescentava que "no teatro, a "Morgadinha de Valflôr" poderia dizer-se colaborada, a meias, por Feuillet e Chagas, consistindo justamente o elogio de Chagas em não ficar inferior a Feuillet".

O monumento a Pinheiro Chagas

Salientava ainda que "quando Pinheiro Chagas perdeu de vista Feuillet no teatro, e trabalhou por conta própria, a sua obra, menos apaixonada, menos quente, começou a empalidecer, e nenhuma das outras suas peças, incluindo a última, já escrita com a morte no coração, teve o favor público que a "Morgadinha" conquistou. A "Lição cruel" limitou-se a um "sucesso de estima", de consideração e respeito pelo escritor que, já mortalmente ferido por uma doença terrível, queria ainda acabar trabalhando".

Se a obra de Pinheiro Chagas não foi mais cuidada é porque, à semelhança do colosso de Seide, tinha de conquistar um salário para atender às inadiáveis urgências do seu lar, onde pipilavam sete filhos.

Que melhor definição querem que a de Castilho, ao aludir a Pinheiro Chagas: "Êste escritor é obrigado a frigir todos os dias os miolos para dar de almoçar à família"?

O povo habituou-se a ler a obra vastissima dêste escritor, e preferiu-o aos mais empolados estilistas, porque o compreendia melhor.

A ideia do levantamento da estátua ao autor das "Tristezas à beira-mar" partiu de José de Melo, então director da *Mala da Europa* e, que, com Pinheiro Chagas, fundára o *Correio da Manhã*, em pleno Chiado.

José de Melo não podia esquecer-se da boa camaradagem que sempre mantivera com o escritor. E, assim, surgiu a iniciativa da subscrição que, aberta nas colunas da *Mala da Europa*, foi logo acolhida com o maior entusiasmo.

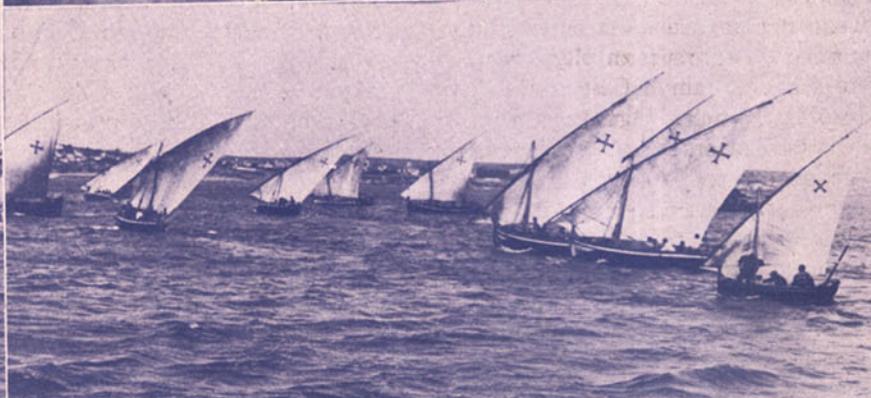
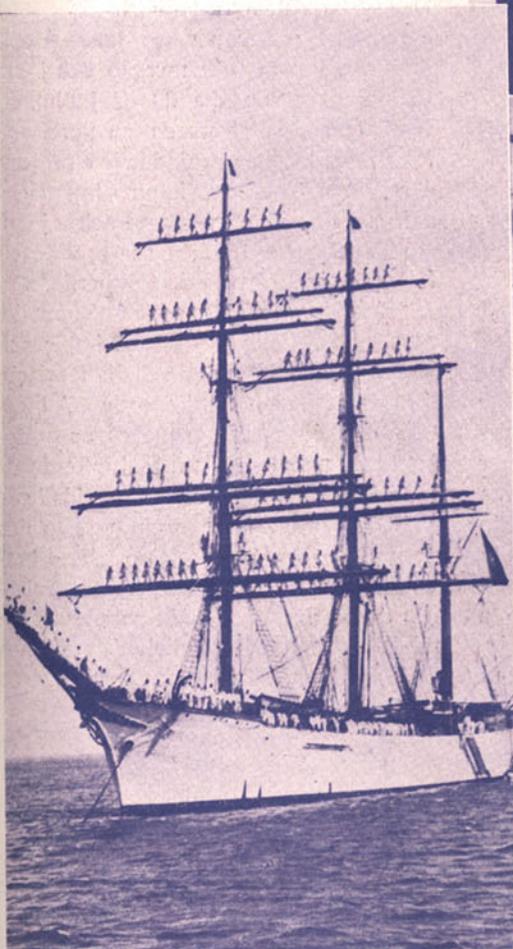
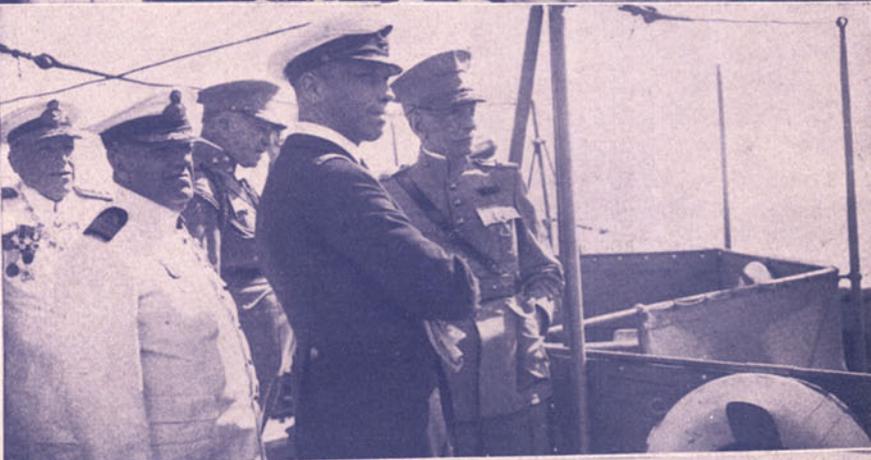
Foi David de Melo o encarregado de escolher o escultor para realizar o monumento, que deveria ficar a cargo de Costa Mota, Tio. José de Melo confiava nos merecimentos do filho, já então um pintor de raro mérito.

Quando Costa Mota apresentou a *maquette*, David de Melo aprovou-a sem a menor hesitação, visto que, tôda esculpida em mármore, a estátua resultaria formosíssima. Mas, como Costa Mota tivesse uma fundição, aproveitou a oportunidade para a divulgar, apresentando a figura da "Morgadinha" em bronze.

E, num momento em que se impõe, mais que nunca, o estudo da História Pátria, honrem a memória dêsse português ilustre que tanto se empenhou em esclarecer o espírito do nosso povo.

Festas em Cascais

O comandante do «Pedro Nunes», junto do Chefe do Estado e do ministro da Marinha, agradecendo a pasta oferecida pel«s Juntas de Freguesia de Cascais. *Em baixo:* o sr. Presidente da República assistindo às regatas. Um aspecto dos barcos de pesca passando em continência junto do «Pedro Nnnes». *A' esquerda:* o navio-escola «Sagres». *Em baixo:* o Chefe do Estado cumprimentando o presidente das Juntas de Freguesia de Cascais. Continência à bandeira oferecida ao «Ped o Nunes» pelas Juntas de Freguesia.

A QUINZENA DESPORTIVA

Primeiro Comité Olímpico reunido em Paris, em 16-7-1894

Ás quatro horas de tarde de hoje, no Estádio Monumental de Berlim, perante cem mil espectadores vindos dos mais diversos pontos do mundo, e na frente de dois mila tletas seleccionados em 37 nações dos cinco continentes, o chanceler Hitler procederá à abertura solene dos jogos da XI Olimpíada moderna.

Não é exagero afirmar que, neste momento, as atenções do Universo inteiro convergem para o maior acontecimento desportivo do ano; a formidável organização alemã, os progressos técnicos dos campeões nestes últimos tempos, a própria necessidade social de desviar o interesse para assuntos menos tenebrosos do que as habituais preocupações da política internacional, asseguram aos jogos de Berlim um êxito sem precedentes.

A renovação contemporânea do Olimpismo, gerada no cérebro do pedagogo insigne que é o barão Pierre de Coubertin, deve ser considerada essencialmente uma obra de paz e de aproximação entre os povos. Se os resultados práticos não corresponderem aos propósitos da iniciativa, porque ha erros da humanidade impossiveis de corrigir, é, no entanto, justo reconhecer à organização olímpica um prestígio incomparável e uma influência decisiva na propaganda do desporto.

A campanha do barão de Coubertin teve como finalidade inicial a transformação dos processos educativos da mocidade no seu país, influenciado pelos novos métodos do padre Tomás Arnold no colégio inglês de Rugby.

A pedagogia arnoldiana, pretendendo criar em Inglaterra gerações mais conscientes dos seus deveres e dos seus direitos, tinha o desporto por engrenagem central; entusiasmado pelos seus preceitos, Pierre de Coubertin empreendeu divulgá-los, convicto de que se tratava de verdades universais e não de aplicação restricta a determinado povo ou raça.

"Quando o "Comité para a Propaganda dos Exercícios Físicos„, — escreveu êste autor, — reuniu pela primeira vez em Paris no dia 1 de Junho de 1888, presidido por Jules Simon, tinha em vista uma reforma pedagógica determinada. Reconhecendo que nos princípios sôbre os quais Arnold assentara a sua reforma e baseara o seu sistema, nada havia de exclusivamente anglo-saxão, os fundadores do Comité visavam introduzir êsses princípios em França, adaptando-os à mentalidade e às instituições nacionais. Tentavam assim transformar a educação e revigorizar a França; poucos foram aqueles dispostos a apoiar de início semelhante ambição mas, em contra-partida, insurgiram-se contra ela todos aqueles que sentiam lesados os seus interesses ou cujos hábitos eram transtornados pelo novo estado de coisas„.

Sem desânimo às primeiras dificuldades, Coubertin prosseguiu na sua campanha e, alargando cada vez os horizontes do empreendimento, sentiu que a forma eficazmente decisiva de o popularisar era internacionalizá-lo, propondo num discurso pronunciado em 25 de Novembro de 1892 o restabelecimento dos Jogos Olímpicos.

Esta primeira sugestão não encontrou éco favorável porque o meio não estava preparado para a compreender. O infatigável propagandista continuou com a mesma fé o seu apostolado, e, dois anos mais tarde, o triunfo veiu compensar tamanha persistência.

Vaso grego do V século antes de Cristo, representando uma corrida pedestre

A União das Sociedades Francêsas de Desportos Atléticos convocou, em 1894, em Paris, um congresso internacional desportivo para a renovação dos Jogos Olímpicos, e no dia 23 de Junho, em sessão plenária efectuada na Sorbonne, foi aprovado por unanimidade o projecto e criado o Comité Olímpico Internacional para organização dos primeiros jogos em Atenas, em 1896; a sua presidência foi confiada ao barão de Coubertin.

"E' vulgar supôr-se, — diz êste num dos seus livros, — que os Jogos Olímpicos tiveram como principal resultado a criação do internacionalismo desportivo. A hipótese não é exacta porque os encontros internacionais ter-se-iam multiplicado de toda a maneira, perante a necessidade de enulação proveniente do progresso dos desportos. O néo-olimpismo teve sobretudo a virtude de provocar a concentração desportiva, obrigando os adeptos de modalidades que haviam vivido estranhos e até hostis, a trabalhar em comum.

Não se imagina hoje o que eram, ha quarenta e cinco anos, a mentalidade e o espírito de inimizade recíproca no mundo dos dirigentes desportivos. Aos preconceitos de casta adicionava-se a desconfiança técnica proveniente da suposição de que a prática dum desporto prejudicava o aperfeiçoamento muscular para outra modalidade. Foi o contacto freqüente pela necessidade duma preparação comum para o mesmo objectivo que foi desfazendo atritos e estabelecendo melhor compreensão pelo mais perfeito conhecimento mútuo„.

E o artigo termina afirmando a vantagem das competições, com uma frase que concretiza perfeitamente a finalidade do desporto e explica também a razão dos preciosos resultados da renovação dos Jogos Olímpicos mundiais: "Para que cem indivíduos se consagrem á cultura física, é preciso que cinquenta pratiquem desporto, e vinte se especialisem; para vinte se especialisem é preciso que cinco consigam obter marcas extraordinárias. Não ha que saír disto; é uma cadeia de lógica indestrutivel„.

■

O estatuto olímpico, pelo qual se regem os jogos nas suas manifestações quadrienais, estabelece taxativamente que só os amadores podem inscrever-se para as diversas provas do programa.

Os amadores participantes nos jogos devem satisfazer pelo menos, diz a lei olímpica, as duas condições seguintes: 1.° — não podem exercer ou ter exercido o profissionalismo no desporto para o qual são inscritos; 2.° — não podem ter recebido quaisquer indemnizações em dinheiro para compensar salários perdidos.

Esta é a grande mentira olímpica, aquela que mais afecta a elevação moral do seu prestígio; os homens que, na cerimónia inaugural, prestam por sua honra o juramento de respeito ás leis olímpicas, são na grande maioria perjuros conscientes, como perjuros são os dirigentes que se responsabilizaram á fé da sua assinatura, pelo amadorismo dos primeiros.

Nos desportos populares, os campeões de classe excepcional são todos profissionais encobertos; o amador autêntico é tão raro como a serpente do mar. Os membros do Comité Internacional sabem-no com certeza, porque vivem em contacto com o mundo e o facto é do domínio público; persistem, no entanto, para não destruir tradições, na conservação dum protocolo que é atentatório das leis sagradas de lealdade e cavalheirismo que regem as práticas do desporto.

Uma orquestra em frente da Casa Berlim em cuja varanda se encontra a selecção Olímpica do Perú

■

Os primeiros jogos modernos celebraram-se em Atenas, em 1896. As dificuldades a vencer foram consideraveis, sobretudo pela animosidade manifestada por certos políticos gregos preponderantes, mas a iniciativa venceu apezar de tudo, tendo sido o príncipe herdeiro Jorge um dos mais entusiasticos influentes.

A subscripção pública aberta na Grécia rendeu, em menos de dois mezes a quantia de 30.000 drácmas e um riquissimo comerciante da Alexandria ofereceu um milhão para reconstruir o estádio, que foi edificado todo em marmore branco, ostentando a forma duma ferradura, e com capacidade para 80.00 pessoas.

Os gregos deram aos jogos um cerimonial espectaculoso, que deturpou um pouco o ambiente duma reconstituição que devia ser piedosamente respeitada.

Anfora do século VI antes de Cristo, representando a coroação dum vencedor dos Jogos Olímpicos

A 2.ª Olimpíada organizou os seus Jogos em Paris, em 1900, por ocasião da Exposição Universal que os promotores pensavam contribuisse para o êxito do torneio; sucedeu, porém, exactamente o contrário, e os Jogos passaram despercebidos, prejudicados, ainda pela organização descuidada do Comité. Entre vários incidentes desagradáveis, foi muito comentada a situação embaraçosa em que se encontrou a equipa alemã à sua chegada a Paris, sem alojamento reservado porque o Comité se esqueceu dela.

Os Jogos de 1904 foram concedidos aos Estados Unidos, que os realizou na cidade de S. Luiz.

Em 1906 efectuaram-se novamente em Atenas uns Jogos extraordinários, promovidos pela Grécia que aspirava conseguir o exclusivo das manifestações olímpicas.

A quarta edição oficial dos Jogos teve lugar em Londres em 1908, e marca a primeira organização desportivamente perfeita. Sucessivamente, Estocolmo em 1912, Antuérpia em 1920, Paris em 1924, Amsterdão em 1928, Los Angeles em 1932 e, agora, Berlim, tem servido de cenário a grandiosas demonstrações olímpicas, cujo interêsse crescente tem sido a melhor afirmação do progresso e da expansão do desporto mundial.

Os portugueses têm participado nos Jogos desde 1912, alcançando em esgrima e no hipismo, algumas classificações brilhantes. Esperemos confiadamente que, durante a quinzena hoje iniciada, os seleccionados de Portugal honrem as côres do seu País e correspondam às esperanças que lhe foram confiadas pelos dirigentes e pela opinião pública nacionais.

Salazar Carreira.

A fôrça dêles... é a nossa fôrça...

Quando pelo mundo se exibe, em espectáculos deslumbrantes de coragem e fôrça, o nosso adorável inimigo—o homem—fica-se amachucado perante tanta audácia e valentia.

Os outros homens, fantoches de salão ou pulidores de calçadas, invejam êsses seus semelhantes, julgando-os mais poderosos, maiores conquistadores do outro sexo chamado fraco, e quereriam ser assim musculosos, assim enérgicos, para poderem dominar a fêmea completamente, prendê-la nos elos de ferro dos seus braços, e escravizar-lhe a alma com o fluido avassalador do seu olhar carregado de mil cadeias que dificilmente afrouxam os seus aneis, quando se enroscam na presa cubiçada.

E como êles, os invejosos duma fôrça tôda aparência, se enganam nos seus juízos sôbre os seus parceiros que ganham a vida num estendal forçado de arrancos musculares e fluidos magnéticos...

E' preciso não esquecer Sansão, o gigante que derrubou mil filisteus com a queixada dum burro e deitou abaixo as colunas do templo a que o sujeitaram com pesadas correntes.

■

Forte ou fraco no seu exterior, espadaúdo, barbudo cabeludo, frágil, careca ou glabro, o homem — o nosso rico homem, rico de astúcia e de manha — é sempre o mesmo boneco de cordelinhos nas mãos da mulher, e não resiste mais um do que o outro, a não ser que o mais fraco se agüente mais tempo na trincheira, bombardeado pelos requebros femininos. "Grande náu, grande tormenta„ — quanto mais fôrça, maior é a derrota e mais visível. Janotinhas do Chiado, quando virdes ali no Coliseu, que é o mostruário famoso de tôdas as habilidades e extravagâncias que assoberbam o género humano e espadanam sôbre os animais inferiores, quando ali virdes o atleta erguendo pesos fantásticos como quem brinca com plumas, o ginasta desafiando a ave, saltando de trapésio em trapésio, rápido e leve, o motociclista, rindo do perigo na curva da morte, não os invejeis.

Eles, no fundo, padecem da mesma fraqueza que vos arraza perante uns olhos brilhantes de promessas de amor ou uma boca talhada em arco, ao serviço do próprio Cupido.

Não esqueçam Sansão, rapazes.

■

Vocês viram êsse fascinador de feras — o Blacaman — que durante um mês fez cócegas na espinha do lisboeta pacato? Quantas vezes vocês disseram com os seus botões: — Este tipo é que há-de saber levá-las, é que há-de prendêlas ao seu olhar como faz ao crocodilo ou ao leão!

Um engano. Esse homem, que tanto se compraz no convívio das feras, que as morde e beija com ternura de amante, e que logo as sova com o pé ou com o chicote, êsse, é também o mesmo pobre diabo, como vocês, nas mãos duma mulher.

Os seus dentes cinzentos — os seus dentes fortes que êle cobriu de platina, para os reforçar ainda e poder cravá-los na pele dos leões — não metem medo a nenhuma filha de Eva, por mais pequenina e frágil que ela pareça.

Quando elas se enroscam no seu desejo, como as serpentes que êle dependura ao pescoço quais monstruosos colares, não é com a mesma facilidade que êle se liberta destas que pode safar-se dos laços femenis.

Talvez vocês pensem que é com essa mesma ferocidade que êsse homem — leão se atira à mulher para domá-la ou hipnotisá-la com os seus olhos de cintilações metálicas.

Pobre dele! Quando quer apanhá-las, são elas que o prendem; quando as fita, quem cai em sôno hipnótico é êle — o mesmo fantoche, o mesmo boneco que vocês, rapazinhos franzinos, amaneirados.

E ainda bem. Os homens cumprem o seu destino, quando submetem a sua fôrça à debilidade da mulher.

Os outros — os que desdenham da mulher ou querem fazer dela sua escrava, êsses estão fóra da lei da vida.

Lembrem-se de Sansão, rapazes. Mais dia, menos dia, aparecem as tesouras de Dalila...

■

Não, rapazes, não invejem os fortes. A sua fôrça é simplesmente aparente. É fôgo de palha que arde a um simples olhar de mulher.

Vocês homens são todos iguais, se são homens dignos dessa designação.

Ser fraco assim é uma honra, um atestado de masculinidade.

Nunca se envergonhem dessa fraqueza que lhes vem do império da mulher.

E cantem dentro de alma as recordações de seus amores, quando avançarem na vida entre risos e prantos, como o divinal poeta canta suas conquistas e ponham como êle sempre mais alto o último amor que se arvora senhor em vosso peito. Ponham os olhos em Olavo Bilac, forte de talento, forte de vontade na luta pela vida com os homens e contra a adversidade, mas débil em face da mulher, sua eterna musa, sua eterna paixão:

Todas, formosas como tu, chegaram,
Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,
Nem teve olhar como êsse olhar, tão cheio
De luz tão viva, que abrazasse tanto!

Deixem-se de vaidades, não queiram dar-se ares de valentes, não queiram contrariar os seus olhos que desejam rever-se contentes nuns olhos que ha muito os trazem doidos de amar só para que não os alcunham de fracos de sentimentais.

Mercedes Blasco.

A TRISTEZA DE HENRI HEINE

ENCONTRO num livro de Henri Heine, chegado de França e remetido por um amigo de infância, uma quadra, que resume no seu conteúdo espiritual e humano, todo o meu drama. Há muito tempo que a minha sensibilidade e o meu desejo, a inquietação que caracteriza a minha vida mental, tinham descoberto êste poeta, nascido na Alemanha, e criado na França, vítima da sua origem judaica, cuja tragédia é um exemplo, e cuja obra vive palpitante, ainda, dezenas de anos após a sua morte.

Na vida de Henri Heine, sub-consciente e misteriosa, existe um traço que a aproxima da minha, desmantelada por inesperado vendaval, por completo naufrágio de sonhos, quando a manhã era mais clara e o azul do céu mais tranqüilo e azul. Na minha vida e na de Heine, o maior dos poetas do novecentos judaico, e o maior da Alemanha novecentista, existe, acutilante e destruidor, o problema da morte, o mais profundo e invencível de todos os problemas que afligem a humanidade consciente. Eu sei que, para quási todos, a morte é um incidente, fixado com indiferente tranqüilidade, aquela tranqüilidade com que a humanidade, em pleno século vinte, fita os problemas mais variados e complexos. A morte é para quási todos, ou para todos, o fim legal, ou mais claramente, a meta fatal para aqueles que a vida ceifa nesta ou naquel'outra idade.

Os que labutam todos os dias, entretidos com as horas, átomos da avalanche, comparsas do drama comum, vivem acima do problema, ou não cuidam dêle por ausência de compreensão ou exaltação emotiva. São poucos os que neste século, caminheiro e veloz, param um instante, desejosos de se interrogarem, ou necessitados de balanciar a própria existência. O drama do quotidiano substituiu em parte, ou no todo, o drama do consciente. A mecânica da vida de hoje, tendo por horizonte a moral do post-guerra, distanciou os homens, esfacelou as cadeias da afectividade individual, criando neles uma outra expressão de afectividade, mais extensa, e possìvelmente mais humana, a da grei, na qual a primeira não pesa qualificativamente. Pensamento de um, quando não reverta a favor do comum — e o pensamento exacto é a mais alta expressão da afectividade — não interessa, ou é fôlha morta, arrastada pelo vento no seio da floresta viçosa e exuberante.

O desprendimento do próprio arrastou, nesta época em que tudo se reduz à prática discussão do bi-metalismo, o problema da morte para um segundo plano. Só os afectivos e os poetas, os que se entregam mais a si próprios do que à vida, ou os contemplativos místicos, pensam na morte, fim ou iniciação, e cuidam da resolução dêste problema, cuja beleza poucos adivinham, e de cujo mistério os mais tímidos fogem apavorados.

No meu jornal, escrito em maré alta de angústia, tendo a morte bordando a meu lado silenciosamente, interrogo-me várias vezes, e deixo que os meus olhos sondem a noite à procura do mistério, idêntico ao da sombra e ao da própria noite. Revolvo o húmus, e as minhas mãos, enquanto o pensamento se contorce, procuram baldadamente palpar a dúvida, sentir o infinito. Não cuido saber de que lado está a verdade, ou para que lado ela se inclina, quando a tormenta é maior dentro de mim, e o vendaval sopra, agreste e violento, anunciando o fim do mundo, do mundo dos meus sonhos. Para quê?

*

Aconselho os que não sofrem, os que ainda não foram tocados pela asa da morte, a não bolir no problema. Não toquem na dúvida. Caminhem na vida humilhando-se e vencendo, como aquele pobre violinista da *Morte do Palhaço*, de Raul Brandão; como aquele pobre farrapo humano, moído de inveja, que atapeta a vida com a lama da sua alma, que a sua sensibilidade gera indefinidamente.

Não toquem!

Para quê ter piedade, fixar as coisas com ternura, parar junto dos que sofrem, limpar-lhes as feridas, incutir-lhes esperança, ou acalentar o fogo no braseiro coberto de cinzas? O que se torna necessário, o que faz bem, o que nos consola, é não tocar na lama, passar de lado, enquanto os outros tombam irremediàvelmente, pobres gafos, isentos de beleza, habituados a confundir o sonho com a loucura, e o bem com o mal.

Volto ao livro de Heine. Abandono a vida por uns instantes.

Pela janela do meu quarto, rasgada sôbre uma grande avenida, entra um luar de prata líquida, que inunda, e encharca todos os meus sonhos. No silêncio da noite tombam fôlhas de plátanos, sequiosas de água. Tombam fôlhas! A minha tristeza e o meu isolamento são cada vez maiores, e sinto-me impotente para afastar do meu quarto o luar de prata líquida que inunda e encharca o pequeno mundo das nossas coisas.

Pobre Henri Heine!

Augusto d'Esaguy.

LEGENDAS ... POVERELLO»

A PAZ COM ... RMÃO LOBO

S. Francisco conduzido ao seu catre

LEMBRA-ME, como se fôsse hoje!

Eu corria pelo caminho pedregoso, que as primeiras chuvas tornavam quasi intransitável...

Mas a própria dificuldade da marcha me ia libertando das cismas do cuidado. Ao romper de alva, um mensageiro fôra bater-me á porta. Vinha da parte de S. Francisco, que adoecera gravemente, na véspera.

Ao céu, azul-pálido, não o toldava, agora, uma núvem. O sol glorioso doirava a Terra, ainda êrma de verdura...

Ao fim de três horas de caminho, Assis apareceu no cimo do monte, entre escarpas. Trepei, com pressa e ansiedade...

Mas, na primeira portela, avistei Francisco, á beira do carreiro. E tão absorto que, só quando cheguei tão perto que as avesinhas qûe o rodeavam debandaram pelo ar, é que deu conta de mim.

Como se encontrava ali?

Não ousei perguntar-lho: no fundo dos seus olhos adivinhava-se a sombra da inquietação febril.

O silêncio durou, até que chegámos ao alto da colina.

Então Francisco disse-me: — José, é necessário conciliar com o Lôbo! Deus não quere a guerra entre irmãos.

E parecia esperar que eu respondesse — como se dependesse de mim a paz. Mas, varado de espanto, eu perdera a voz...

Alcateias de lôbos haviam, no último inverno, invadido a Úmbria, vindas do Norte, acossadas pelas primeiras neves; e, como se houvessem dividido em marcadas zonas de domínio montanhas, vales e planícies, tudo assolavam: chacinavam rebanhos, trucidavam pastores, atacavam povoados, e arrancavam, não só ao berço, mas dos próprios braços das mães, as criancinhas!

Havia quasi um mês, porém, que, três léguas em redor de Assis, não se assinalavam alcateias. Dizia-se que assim era por intercessão do Santo: o Lôbo-Chefe, o Lôbo-Rei entrára com êle em negociações...

Francisco insistia, interpretando o meu silêncio: — Tu és daquêles que querem impedir a paz entre as criaturas de Deus, és dos orgulhosos que entre os sêres viventes põem distinção? Como perseverais no Pecado! Pois aí vem o reinado de Jesus, e quereis perpetuar tal guerra? Vê como o rouxinol gorgeia em pleno outono; já para exalçar a glória do Supremo Advento é para as avesinhas perene a primavera...

Um rouxinol veio pousar nas suas mãos, que se erguiam para o céu. E cantava!

Senti-me, de repente, transportado a casa de S. Francisco, sem dar mais um passo! Ele chamou; veio Elias de Cortona, e poz na mesa um cabaz de maçãs, uma bilha de água e brôa nova.

Acabada a refeição, saíu Francisco, desacompanhado.

E Elias contou, logo: — Veio hontem o Lôbo. Matei, para êle, a melhor ovelha do rebanho. Viste como ainda no pátio o chão está ensangüentado? Francisco falou ao Lôbo, mas êle não quiz ouvi-lo, emquanto se não fartou. Depois, sim, deixou-se abraçar, e Francisco, beijando-o sobre os olhos, chorou, rogando-lhe misericórdia, e exortando-o ao arrependimento.

Pretendia o Lôbo que nos tempos antigos eram as ovelhas que comiam os lôbos, e que justo é que estes agora se vinguem. O Santo prégou, prégou...

— Mas será necessário comêr! — opoz o celerado, e abalou pelos montes, uivando. Francisco caíu de joelhos, e, enquanto orava, caíu como morto.

Veio Clara, que o estreitou nos seus doces braços; despertou, e logo te mandou chamar. Teve uma visão: diz que tens atrás do muro do teu cerrado, á entrada do curral, uma armadilha contra os lôbos, e que foi isso que fez com que se quebrasse o pacto de Subásio.

Compreendi, alarmado. Era certo que á beira do meu muro, junto do curral, eu dispuzera uma armadilha... Mas, pois que o Lôbo ameaçava, necessário seria passar, decididamente, da defensiva á ofensiva:

— Elias, ouve-me: Francisco está doente, perturbado, e com ser, como é, tão grande santo, não se livrará de que o tente o Demónio. Creio que, em glorificação do Eterno, ha de oferecer-se a paz a quem quere a paz, mas tem de opôr-se a guerra a quem faz a guerra. Elias, eu creio que é mister fazer ao Lôbo uma bela montaria!

Francisco entrava o limiar da porta. Olhou-nos, entristecido, e disse:

— Ai dos malvados que querem, a todo o transe, a guerra! Ai dos homens perdidos que querem, a todo o transe, perder-se! Dêles não será o Reino dos Céos; não terão lugar no seio de Jesus; Deus ha de preferir-lhes os lôbos...

Nublára-se o seu luminoso olhar.

— Mestre, disse eu, a cólera assombra-te...

— Assombrados de desvairamento sois vós, que não tendes o coração humilde; o vosso coração é um ninho de víboras. E não sereis benditos por Deus, emquanto não andardes de rastos diante do lôbo, que é mais meu irmão do que vós mesmos. Não vos apiedais do lôbo, porque é feroz? pois é a sua ferocidade que deve mover a vossa alma. Fazei como eu, que o abraço, e tanto o abraçarei que me entenderá...

Francisco parecia fóra de si. E a ponto que, despedindo-me, terminou:

— Tu é que me não queres entender, porque a verdadeira fera és tu. Porque lançaste a armadilha contra o Lôbo, teu irmão? Se o não houveras feito, enchendo-o de ira, não nos teria êle ainda exigido o cruento sacrifício. Vai, e reconcilia-te com êle, que, em quanto o não fizeres, com teu Deus te não reconciliarás.

Na azinhaga encontrei Santa Clara, Clara Sciffi, a virginal companheira de Francisco, loira e resplendente — que êle amava tanto, e cuja voz harmoniosa era como um fio de oiro que o ligasse ao céu — envolvida no seu manteu de burel, o nodoso cordão cingindo a cinta airosa, e calçada de rústicos tamancos de amieiro.

Disse-me que chegára, ha pouco, a Raposa de Roma, que se arvorára em diplomata do Lôbo... Francisco tivera com ela uma conferência.

Então compreendi o triste espectáculo a que acabára de assistir: ás astúcias da Madre Raposa nem os santos resistem...

A tarde resfriava. Fui descendo para o vale, onde o rio se afoga entre pinhais e olivêdos, com passos incertos e o coração pesado de apreensões. Perúsia, entre vinhas, adormecia, distante.

E, por todo o caminho, não se apartou mais de mim aquela imagem de Francisco, tão diverso de que sempre o conhecera, comandando agora a obediência cega, impondo-se aos fieis em nome do Senhor, interpretando a vontade divina pela sua própria vontade, fulminando excomunhões por inspiração da Madre Raposa, e não da Madre Igreja...

Eu conhecia Francisco desde a mais tenra infância: brincáramos juntos, ainda antes de nos separarmos do regaço de nossas mães. Acompanhára-o, sem desfalecimento, através da vida: a mansidão do seu ânimo fôra inalterável, em todas as provas crueis que sofrera; a ternura do seu coração transbordára sempre em bençãos, mesmo para os seus perseguidores; e votando-se á dôr, essa dôr reflorira sempre em graças para todas as desventuras.

Eu fôra dos primeiros que o seguiram, e, quando na solidão de Rivo Torto acampámos entre as penedias e fômos expulsos pelo mau homem que ali alojava o seu burro, e que nos incendiou os cabanais emquanto dormiamos, fôra eu quem transportára ás costas Francisco, desmaiado, por léguas e léguas de verêdas hostis, a princípio sôb os apupos dos cabreiros dos montes, depois lapidados pelas crianças e bêbedos dos povoados.

Que alucinação o transformara até tamanha dureza, como se fôsse um cardial schismático? Como é que Francisco, o Amigo do Homem, nos abandonava, tomando, tão facciosamente, o partido do lobo cerval?

O nevoeiro, que caía dos Apeninos, espalhava ondas de negrume e indecisão no meu torvado espírito.

De súbito, no carrascal, senti agitar os ramos. Era a raposa que sutilmente rastejava pelos matos, vencendo a encosta... A arteira, fugia!

Os últimos raios do sol trespassavam a bruma de flechas de oiro. Lufadas caliginosas apagaram-nos na noite, que descia. Melancólicamente, um sino desferiu as badaladas de *Angelus*...

Ao outro dia parti para Orvieto. Só voltei ao fim da semana. Apenas descarreguei da mula os ôdres de azeite, disse-me o irmão leigo, que me esperava:

Madre Raposa

— Francisco mandou recado para que prendêssemos o cão, e desfizéssemos a armadilha. A Raposa matou esta noite tôdas as aves na capoeira. O Lôbo não veio, felizmente: não falta um anho.

Era uma manhã luminosa, dôce e triste. A brisa fria desprendia as últimas fôlhas dos carvalhos e castanheiros.

Dei volta ao horto, aos currais. No pátio, encadeado, o cão gania: soltei-o. E refiz a armadilha...

S. Francisco de Assis — desenho de Antonio Carneiro

Cheguei á noite a Assis. Encontrei Francisco, no cercado, com Elias, Benedito, Clemente, João e Domingos. Só êle estava sentado; apenas me viu, ergueu-se, e, tomando-me de parte, disse-me com a sua costumada voz de mansidão:

— Ainda bem que vieste! Ficou ontem assente, entre mim e o Lôbo, um pacto definitivo. Madre Raposa assistiu a tudo... Porque foi ela quem reconduzia o lôbo á divina graça!

Começaremos por entregar á guarda do Lôbo todos os cães de gado: o Lôbo doutrinará todos êstes seus irmãos de raça. De cada rebanho se separarão três ovelhas e um carneiro para se habituarem ás alcateias, nos fojos. Assim passarão sete semanas... Na noite de sábado da última semana, todos os lôbos da Úmbria, e os cães e todo o gado entrarão em Assis, convertidos á Lei da Fraternidade. E, ao romper de alva, celebraremos aqui a Missa da Aliança, consagrando o Dia do Senhor. Que grande dia de glória, Irmão!

Na minha memória revivia a senda miraculosa da vida de S. Francisco... Um eflúvio extranho se desprendia dêle, que me entorpecia a vontade, que submergia todo o meu ser. O meu raciocínio não resistia mais; paralisára-se o meu pensamento num alvorôço de abandôno: a minha alma desprendia-se de todos os laços carnais.

Sentámo-nos debaixo do parreiral, absortos no silêncio; eu meditava as suas palavras: "Quero que prégueis por vossas obras; é pela vossa vida, e não pelas vossas palavras, que sereis julgados„ ...

Tôda a dúvida, tôda a incerteza se desvaneciam na Fé: — o Lôbo ia, enfim, humanizar-se. O milagre esplendia!

Nem eu sei o que me levou ainda a perguntar:

— Mestre, porque esperas sete semanas?

— É que, antes, hão-de retirar-se os monstros do mar!

O que quereria dizer? Pobre de mim, que não podia penetrar os seus desígnios, os desígnios de Deus. Lembravam-me os preceitos da Ordem, em que ditára: "Sereis iguais a cadáveres, que não oferecem resistência alguma e se conservam sempre na posição que lhe foi dada...„

Beijei as suas mãos, e de joelhos, com lágrimas, confessei-lhe as minhas tremendas culpas.

— Vai — disse, absolvendo-me num abraço — e cumpre a vontade do Altíssimo.

O luar nascia. Todo o cenário da planície e da montanha parecia mais vasto, mais profundo, solene e religioso...

Chovêra torrencialmente todo êsse dia de sábado, que era o último das sete semanas de provação.

Depois da meia noite, montei na mula, com o irmão leigo. Difícilmente vadiámos os ribeiros.

Gotejavam ainda as frondes das oliveiras. Pesadas nuvens rolavam, envoltas pelo luar. De quando em quando, relâmpagos fuzilavam.

Dos debruns das colinas, dos cimos dos oiteiros, das quebradas dos vales levantavam-se vozearias, clamores.

A Úmbria despovoava-se: ao nascer do dia, que festa em Assis! Dêsde os tempos de Cristo que milagre tão grande se não cumpria...

A mula estacou: ao clarão dum relâmpago vi dois rafeiros mortos, que a torrente arrastava!

Ia apear-me... Mas uma aldeia inteira se nos juntava — as crianças ao colo, e velhos de cem anos deitados na sua cama, em estrados como andores, levados aos ombros pelos bisnetos.

Á beira da Subásio era uma longa, infindavel procissão de muitos milhares de pessôas, espraiando-se como uma serena vaga.

A Paz! A Paz! A Paz! E cânticos ascendiam votivamente, celebrando S. Francisco e o Lôbo...

Já se puzera o luar; fachos ardentes guiavam a marcha.

Parámos à entrada de Assis: acenderam-se fogueiras, em arraial. E, aí, tôda a multidão ficou, de joelhos e orando.

A Rosa Divina despontava no horisonte: tôda a Perúsia, as colinas, os vales, as planícies e as cordilheiras longinquas, floria da brancura da neve dos Apeninos, cujo fulgor igualava o dos relâmpagos na noite. Avançamos.

Na praça estava já tôda a gente de

Assis. Ali parámos ainda, e, não cabendo todos, derramaram-se muitos pelas ruas.

As portas das habitações dos currais haviam sido arrancadas, como em tôda a Úmbria, por ordem de S. Francisco: — Que venha a nós o Irmão Lôbo, e não encontre fechados porta nem cancêlo!

Encaminhámo-nos para o convento, que fica além do povoado. A multidão, em côro, entoava, marchando, o Hino ao Sol: — "Louvado sejas Tu, meu Senhor, por tôdas as criaturas, e em especial por nosso Irmão

Sol, que nos dá o dia, e, belo no seu imenso esplendor, testemunha a tua glória; louvado sejas tu, Senhor!

"Louvado sejas Tu, meu Senhor, pela nossa Irmã, a Terra-Mãi, que nos sustenta e cria, e produz a erva e os variados frutos com flores matizadas!

"Louvado sejas Tu, meu Senhor, pela Agua, nossa Irmã, tão preciosa...„

Mas ninguem aparecia a receber-nos!

Adiantei-me, correndo... Passei a sébe, aflicto.

O espectáculo que se me deparou será sempre indescritivel.

Do lado da arribana, viam-se rastos de sangue, pelagens soltas, carnes espostejadas...

Transido, penetrei no átrio. Benedito, Domingos, Clemente, João, ali jaziam em montão de carnificina. No corredor, Elias, lívido, o peito lacerado por garras, parecia agonizar...

S. Francisco, ferido também, jazia de bôrco, as mãos juntas, como se desfalecesse orando.

A multidão entrou no pátio, em tropel; alaridos e choros encheram tôda a casa.

Já Santa Clara velava S. Francisco, que depuzemos no seu catre. E o frade leigo banhava as fontes de Elias, que, como acordando dum pesadelo, murmurava: — Alcateias! Que alcateias!

Mandei chamar todos os peregrinos, trepei ao eirado, e clamei:

— S. Francisco foi tentado pelo Demónio, que quiz perdê-lo pelo orgulho da sua missão; Deus salvou-o, espalhando a morte á sua volta e derramando o seu sangue. Só o Homem é filho de Deus, feito á sua imagem e semelhança; as feras são figurações do horrendo Pecado. Irmãos: Ao Lôbo! Ao Lôbo!

Logo, por tôda a parte, a montaria começou, correndo os vales, subindo os cêrros, devassando bosquêdos e cavernas, varrendo os píncaros nús das montanhas, batendo o terreno palmo a palmo, fôjo a fôjo — certeira, implacável, exterminadora...

E não houve mais lôbos na Úmbria!

Se me lembra! Como se fôsse hoje...

Lopes d'Oliveira.

AS FESTAS DE VILA FRANCA

A imponência das festas realizadas em Vila Franca de Xira marcou bem o entusiasmo do povo dêste laborioso concelho ao apresentar, em alegorias originais e conjuntos animados, a acção dos operários industriais e dos trabalhadores do campo.

Na impossibilidade de podermos descrever com minúcia cada um dos vistosos carros que milhares de trabalhadores realizaram com o mais requintado bom gôsto, a página que dedicamos a estes imponentes festejos dará uma ideia da sua grandeza, e, sobretudo, da coesão de tantas pequenas energias que realizaram um verdadeiro prodígio.

A actividade produtiva de todos êsses milhares de trabalhadores humildes apareceu ali focada em tôda a sua extensão num grandioso quadro, cheio de côr sob o sol bendito que doira as searas fazendo amadurecer o pão. Entre o estralejar dos foguetes, a sonoridade das filarmónicas e as canções regionais das moçoilas sàdias, sentia-se palpitar uma nova vida plena de encanto, unção e ventura.

Portanto, a Festa do Trabalho e do Desporto realizada em Vila Franca deve constituir, além do seu alto significado, um exemplo a seguir por tôdas as classes trabalhadoras de Portugal.

Desta iniciativa devem surgir inúmeros benefícios, visto que a boa semente lançada em terra própria há de produzir e frutificar.

O Infante Santo

OS GRAND EXEMPLOS

A paixão e mor o Infante Santo

Uma grande resign imbada de patriotismo

A alma de D. Fernando, desprendida do invólucro terrestre, gozava agora a plenitude do celestial império que tanto desejara.

Todos os *apóstolos*, à excepção de João Rodrigues, seu colaço, que haviam ficado em Arzila e por milagre conseguiram salvar-se da peste, receberam em Fêz o baptismo da "virtude cristã", na cela escura, onde D. Fernando habitou os últimos três meses da sua vida de inexcedível martírio.

De todos os companheiros de presídio só um falhara. Não pudera resistir a tão prolongado sacrifício. Fôra o mais fraco.

Induzido por um renegado, também português, preferiu converter-se ao Islamismo, a suportar um tormento deveras sôbrehumano. Mesmo assim, não foi como Judas Iscariotes!

João Alvares tornára-se o mais entusiásta dos *apóstolos*, se bem que todos proclamassem as virtudes do seu senhor, inclusivè o renegado... que o era *in partibus infidelium*.

No entanto, Álvares entrara e saíra de Marrocos com os olhos rasos de lágrimas. Começava a sofrer o cativeiro chorando a desgraça de D. Fernando e a sua; agora, na despedida, quando a Pátria o remia, chorava porque deixava em Fêz o cadáver do seu amo, do seu senhor, do *Santo*, emfim.

Separar-se de quem tanto amara em vida como na morte, era para Álvares maior sacrifício do que o próprio cativeiro. Por um lado, sentia não haver árvore mais frondosa, nem monte mais belo, nem céu mais claro, nem ar mais puro do que a árvore, o monte, a terra, o céu e o ar de Portugal; por outro, a Saüdade minava-o, dilacerava-o, e êle queria estar sempre no lugar que tomava como seu pôsto, ao lado do cadáver do filho do Mestre de Aviz.

Os vales profundos e os intermináveis desfiladeiros magrebinos passaram a dar-lhe a ideia dum túmulo. As neves do Atlas transmitiam-lhe à alma angustiada a sua própria algidez, qual cadáver do infausto D. Fernando, repassando-a de desconfôrto.

Dias e noites passara êle orando, olvidado do mundo exterior, debaixo do arco da porta, onde estava o caixão, tendo visto erguer-se dêle o espectro do Infante e ouvindo uma piedosa mensagem:

— Joham, Joham, não te atristes; estou feliz no Céu. Diz aos portugueses que devem vir conquistar êste território para a Cristandade...

Outras vezes ouvira:

— Joham, perdoa a êsses impiedosos mouros, que desconhecem o caminho da verdade. Perdoa, como eu lhes perdoei! Tu és o meu discípulo querido...

Mas João Álvares não perdoava, primando até por iniciar sempre assim as suas orações: "Vingua, Senhor, o sangue "inoçente... em que pecarom juntamen- "te todo los mouros; nom por inorançia, "mas açiente, e por çerta maliçia, em ve- "tuperio e ofensa da coroa dos vitoriosos "Reys de Portugal, menospreçando aliança "dos poderosos principes, Rey, e Senho- "res nosos e amygos".

Não perdoaria jamais, embora sentisse que deveria fazer a vontade do *Santo*.

Abominaria tôdas as honras que lhe dispensassem ao regressar a Portugal, porque a pobreza e a humildade, sempre desejadas por D. Fernando, fariam dêle o seu melhor discípulo. Aquilo que aprendera com o Infante não lhe permitiria usar de grandezas.

De facto, mais tarde, êle abandonou o lugar de tabelião, apesar-de D. Afonso V lhe passar carta, onde lhe "quitava a pension que nos hade pagar porquanto jaaz em terra de "mouros" ao serviço "do meo muyto amado tyo". Mas Álvares queria ir mais longe na sua mística resolução, queria ir até o fim, porque sentia, no mais íntimo da sua alma, que era bem o discípulo dilecto do *Mestre*. Conforme todos os demais cativos deram testemunho, D. Fernando sempre se lhe dirigiu como a um filho estremecido.

À hora da morte chamara-o para pedir-lhe que o beijasse, tendo Álvares deixado correr as suas lágrimas sôbre a face do Mártir.

Desde aquele instante, João Álvares sentiu-se como que possuído duma alucinação extraordinária, antevendo-se desacompanhado daquele que lhe servia de arrimo, ao menos pelo socorro das orações que o fazia ascender ao Trono da Graça, já que o rigor do cativeiro os separava tantas vezes e por tão longas temporadas.

Cismou no suicídio, mas, penetrando no arcano das verdades da religião, entendeu fazer penitência por se ter sentido réu diante de Deus, réu da culpa de tão satânico pensamento.

Quando o seu resgate entrou em negociações, por ordem de D. Pedro e por intermédio do mouro *faqui* Guiznamy, aliviaram-lhe a pena, tirando-lhe os ferros. Por isso podia vir até junto das margens do rio, onde o *Santo* tantas vezes se banhara, e perto das quais matava saüdades de Portugal, e falava no imaculado nome de Jesus.

No cativeiro de Fez

De volta, se nas almenaras os *muezins* clamavam por Mahoma, voltava a cara com desprêzo, cerrava os pulsos e dizia:

— Perros renegados, estais a chamar pelo Demo... Andai, andai, que eu vos contarei uma história quando conquistarmos tôda esta terra para os cristãos...

Depois, atravessava lentamente a praça, onde os beduínos tinham expostos os mais variados produtos, e, deparando com a porta de Marraquexe, ajoelhava, punha as mãos, e ficava-se rezando pelo *Santo*.

Os mouros consideravam-no como *hemaque* — doido — pelo que se furtavam ao contacto com Álvares.

De noite, com espanto geral, pedia para dormir na *cova* onde o seu senhor falecera. Os bárbaros diziam que o *borteguiz* tinha os *jenuns* no corpo...

Altas horas, se o espreitavam, viam-no de mãos postas, orando num dos ângulos da masmôrra, no lugar onde, ocultamente, êle enterrara as relíquias do Infante.

Efectuado o resgate, os refens lusos voltaram à Pátria, moralmente quási analgésicos pelo sofrimento atroz de tão duro cativeiro, todavia sensíveis ainda, mesmo assim, à nostalgia da sua tão querida Pátria. Por essa razão, numa tarde de Outubro, reüniam-se em Portugal todos os *apóstolos* sobreviventes do Infante. Choravam. As lágrimas abençoadas que verteram expressavam o mais belo dos sentimentos humanos — a gratidão.

Discutiram qual o modo de tornar mais conhecidas as virtudes de D. Fernando, expandindo-as, exemplificando-as pelas suas próprias vidas vividas longe umas das outras, uma vez que iam separar-se pela fôrça e natureza das próprias missões.

Dos olhos dêstes *apóstolos* iluminados saía agora um brilho intensíssimo, que parecia pretender incendiar a alma de todos os lusitanos. E êsses homens, cauterizados pelo sofrimento moral e físico das cadeias e da disciplina de tagante, injuriados e escarnecidos, unidos um dia pela mais cruenta desventura, viram-se depois dispersos, mas livres, gozando a vida de homens com direitos civis, sem deixarem jamais de sentir-se irmanados pela desventura que lhes estigmatizou as almas e comprometeu, portanto, as suas energias morais.

Væ Victis!

José de Esaguy.

■

Assim termina José de Esaguy a sua magnífica obra «A vida do Infante Santo» que, sendo o mais vasto documentário do martírio do estoico filho de D. João I, é também um hino cheio de elevação e grandeza.

Até agora, sôbre a vida do Infante D. Fernando que dezenas de eruditos portugueses e estranjeiros têm procurado sondar em tôda a sua dura verdade, não estava dita ainda a última palavra. Quando menos se supunha, surgia um pormenor mais ou menos interessante a desmentir o que um cérebro engenhoso urdira — e voltava-se a caír na dúvida. Apenas uma verdade subsistia: o Infante não fôra resgatado, visto a mourisma exigir em troca a restituição de Ceuta que Portugal considerava a sua mais bela conquista.

Quanto á vida que o desventurado D. Fernando arrastou sôb a escravidão que tão resignada quão patrioticamente aceitara, relatava-se, aqui e além, um ao outro episódio a deturpar o que já estava dito, e que pouco depois, era também deturpado por um outro mais sonante ao ouvido do nosso povo sempre ingénuo e sempre fantasista.

Finalmente, o ilustre escritor José de Esaguy, após aturados estudos realizados em Tanger e Fez, conseguiu desvendar tôda a verdade sôbre êste doloroso ponto da História Pátria — e vem apresentá-la com o mais cativante desassombro.

O Infante Santo aparece tal como a nossa imaginação o sonhava, mas como nunca tinha sido focado ainda em tantos milhares de páginas sôbre êste assunto. Portanto, o novo livro de José de Esaguy, além de nos deliciar o espírito, veio provar mais uma vez de quanto é capaz o engenho que urdiu a epopeia marroquina.

O Infante Santo, segundo um quadro quási completamente deteriorado existente na Batalha

Ceuta — a ambição mourisca

A EVA!

Eis a Majestade ninguém destrona,

e domina sôbre os seus que a adoram cada vez mais

QUANDO o sábio rei Salomão abriu o "Ecclesiastes" com a famosa frase "Nada há de novo debaixo do sol", esqueceu-se do engenho femiminino, não obstante dever-lhe os mais belos momentos da sua existência. Grande teria sido o talento da rainha de Sabá para cativar o exceloso poeta do "Cântico dos cânticos" que se mirava, estarrecido naquêles lindos olhos que eram "como os das pombas sem falar no que estava escondido dentro"!

E com que paixão o rei lhe dizia:

"Tu feriste o meu coração, irmã minha esposa, tu feriste o meu coração com os teus olhos, e com um cabelo do teu pescoço.

"Que lindos são os teus peitos, irmã minha espôsa! Os teus peitos são mais formosos do que o vinho, e o perfume dos teus balsâmos excede o de todos os aromas!

"Os teus lábios, ó espôsa, são como um favo que distila doçura, o mel e o leite estão debaixo da tua língua, e o perfume dos teus vestidos é como o perfume do incenso do Líbano".

O encanto feminino, sendo eterno e imutavel na sua essência, evoluciona através dos tempos, numa ânsia sempre crescente de atingir a suprema perfeição. Com o seu constante desejo de agradar, a mulher aproveita a sua estética que se adapta a todos os matizes, e consegue sempre alguma coisa de inédito.

Rodaram os séculos que nos deixaram a recordação imperecivel de tantas damas retratadas por pintores de génio, desde Apeles a Leonardo de Vinci, desde Ticiano a Reynolds.

Já contemplaram essa galeria vastíssima constituída por dezenas de museus que a nossa imaginação liga numa esteira luminosa?

A graça da Venus Anadyomena nada perdeu com as roupagens de que Leonardo de Vinci a revestiu, séculos depois, ao retratar a sua querida Gioconda, nem a Lucrecia Borgia, aureolada nas rendas vaporosas de que o enfeitiçado Ticiano

a arrebicou, pode parecer ridícula ante a majestade da duqueza de Devonshire que Reynolds fixou numa das suas telas magistrais.

Houve tempo em que as boas carnes constituiam beleza, e, assim, os quadros de Rubens exaltavam o encanto das suas retratadas.

Depois, surgiu a estilização de formas, e a mulher, sempre engenhosa, reduziu ao mínimo as suas carnes, tomando a flexibilidade irrequieta duma lavandisca. Deixou de oprimir os pés com os sapatinhos de dimensão chinesa e tacões de incompreensivel altura. Pôz de parte o espartilho e regressou à Natureza, adaptando-a a si, consoante o seu capricho.

A tentadora Eva, depois de fazer pecar o homem, em cada um dos seus avatares infinitos, toma nêste momento o aspecto duma banhista original que nos atrai e engana como no memoravel dia do Pecado original.

Sedutora como a Salomé, impenetravel como a Esfinge, pérfida como a Circe, mostra bem que o dobrar dos séculos não lhe fez esquecer a lição que a maliciosa serpente lhe ensinou.

E tenta-nos sempre cada vez mais — e com mais elevado engenho.

Nos tempos do império romano, Sabina Popea, espôsa de Nero, levava o seu requinte a banhar-se diariamente com leite que quinhentas jumentas lhe forneciam.

Em pleno século XIV, as elegantes italianas sentiram uma certa repugnância em tomar os banhos de lôdo que o douto Giacomo de Dondis engendrara como medida salutar. Mas logo que se constou que a imersão em lama fazia realçar a beleza, as damas correram a êsses balneários a mergulhar-se durante o praso que se lhes indicava, e que podia atingir cinco horas. Depois, com um banho quente, tudo voltava à normalidade.

Isabel da Baviera, na ânsia de se tornar sedutora, quis seguir o sistema da mulher de Nero, banhando-se em leite de jumenta. Mas, ou porque lhe desagradasse o líquido, ou porque não colhesse os resultados que desejava, passou a banhar-se em água de rosas, misturando-lhe prèviamente suco de melão, extrato de cevada verde e um preparado de amêndoas e claras de ôvo.

Durante o século XVII estiveram muito em voga os banhos de vinho. As damas da côrte francesa seguiam à risca os conselhos do inventor dêstes banhos — algum viniculto — que aconselhava uma imersão diária com a duração de vinte minutos.

A desventurada Maria Antonieta usava outra fórmula que sua mãe lhe recomendara como eficaz: o seu banho era constituido por um cosimento de fôlhas de loureiro, tomilhos e orégãos a que misturava uma mancheia de sal comum.

Por sua vez, a celebrada Madame Tallien preparava o seu banho com água perfumada, a que misturava oito quilos de morangos e um de framboesas, e com isto conseguia — segundo ela própria afirmou — ter a pele macia como veludo.

Sarah Bernhardt banhava-se em champanhe, receita que muitas damas ainda hoje adotam com a mais profunda convicção.

Tudo isto, e muito mais, se fez, faz e fará para maior realce da beleza feminina, cujo império grandioso nenhuma fôrça humana conseguirá desmoronar.

A originalidade feminina não pára nunca. Numa praia californiana acaba de aparecer uma gentil banhista, ostentando um reduzido fato de banho em que aparecem estampados os quatro meses da estação calmosa. Por sua vez a actriz cinematográfica Betty Furness apresenta um trajo constituido pelos títulos dos maiores jornais do Mundo, conseguindo assim, como se calcula, uma publicidade formidável.

E, neste crescendo de originalidade, a mulher conquista, palmo a palmo, os seus triunfos, ora mostrando-se na semi-nudez seus encantos, ora envolvendo-se num

delicioso mistério que cada olhar cubiçoso intérpreta consoante a sua sensibilidade.

Metidas em amplos pijamas, mostram apenas o rosto como conceito de enigma que poucos conseguirão decifrar.

Aproveitando as praias, podem deliciar-se nos *bars* elegantes a saborear carapinhadas que lhes suavizam a calma, enquanto, numa requintada maldade, incendeiam com olhares provocantes o coração de quem as observa.

De repente, aparecem de pijamas à maruja — outra originalidade interessante! — e lá vão à procura de peixe grosso, com

todos os atributos necessários à pesca. E fazem sempre boa colheita. Dir-se-ia que os peixes, deslumbrados pela beleza que os atrai, não querendo ficar atraz dos homens, deixam-se prender pelo beicinho.

A mulher vê tudo isto, e vai seguindo sempre a evolução dos tempos.

Actualmente, vêmo-la como nas fabulosas eras olímpicas, regressando à Natureza, donde, durante tantos séculos, andara arredia. E, embora sedutora como Afrodita, nem por isso deixou de ser tão casta como Diana.

Há dias, no Estoril, alguém, desejando deixar uma amabilidade no leque duma gentil banhista, escreveu-lhe esta quadra:

Anjo da etérea mansão
As asas tirou-tas Deus,
Prevendo a tua evasão
Da sua côrte dos Ceus

Ora, se não enroupam os anjos que voltam em roda do trono do Eterno, não pretendam profundar a beleza feminina que, sendo eterna, é também intangível.

«A sopa da Santa Casa»

ENTRE O PINCEL E O TELESCÓPIO

O pintor David de Melo e sua paixão pela astronomia

Das alvas cãs dos velhinhos à fulva cabeleira dos cometas

QUEM há cinqüenta anos se interessasse pelo desenvolvimento da nossa Academia de Pintura, não deixaria de reparar num rapazito travêsso, de olhar vivo e ardente que, apesar da estouvanice própria da idade, merecia a simpatia de todos os professores das Belas Artes.

Em boa verdade, o pequeno David tinha fogo sagrado. A firmeza do seu traço agradava tanto aos mestres, que o apontavam como exemplo aos seus condiscípulos.

Após o seu curso de Belas Artes, ansiou por mais vastos horisontes, e, abrindo as asas da sua ambição aventurosa, foi direito a êsse Paris glorioso que o atraía. A' semelhança duma mariposa deslumbrada pelo fulgor duma grande chama, esvoaçou no seio da Cidade-Luz, mas sem queimar as asas, como geralmente acontece.

Nêsses tempos, o *Salon*, sendo uma espécie de porta infernal sôbre a qual se destacava o fatídico *Lasciate ogni speranza, o voi ch'entrate!* era também uma coisa muito semelhante ao *Abre-te, Sézamo!* da famosa gruta dos salteadores. Estas palavras mágicas só poderiam ser proferidas sôb a influência de altos empenhos ou então pelo dinheiro, que foi e há-de ser sempre o dominador do Universo.

Um porteiro do *Salon* podia muito recatadamente fazer as vezes do Santo Claviculário do Céu. Para isso, bastava colocar no quadro que lhe fôsse recomendado o convencionado *piston* que serviria de indicação ao juri. Entre tantos milhares de telas que desfilavam rapidamente diante da comissão de peritos, fôssem lá descortinar se o *piston* fôra colocado ao canto da moldura por empenho de altissimas entidades que seria conveniente não desgostar, se por um porteiro que, em troca dumas centenas de francos, não tivera dúvida em fazer aquêle jeito.

Coisas dêsse delicioso Paris do alvorecer do século XX!

Mas, se pensarmos bem, não era por isto que vinha o mal ao mundo. A admissão ao *Salon* poderia valorizar a tela, mas não a melhoraria, em caso algum, na sua composição. E, depois, porque havia de ser recusado ao porteiro do *Salon* o direito de voto, se pelas mãos lhe tinham passado, durante os longos anos de serviço, um número incalculavel de telas? Era interessante vêr como o juri se pronunciava ante o desfile dos quadros. Contidos por um longo cordão vermelho, aquelas duas dúzias de julgadores severos erguiam ao ar as suas bengalas em sinal de aprovação, sinal que o venerando porteiro, imponente nas suas barbas patriarcais, fazia cumprir com a serenidade dum juiz presidente.

David de Melo

O juri do Salon de 1903 diante das grandes telas

Bons tempos êsses do Paris de há trinta e tantos anos! Ao nosso orgulho de portugueses resta a consolação de que os nossos artistas souberam sempre conquistar os seus triunfos pelos próprios méritos. Também que altas influências poderiam mover nessa época, se o seu país se encontrava quási ignorado do grande meio parisiense?

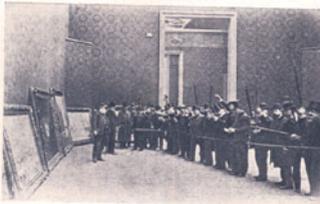
Quanto a pedir a tal protecção do porteiro, quem poderia acalentar semelhante utopia, se os meios pecuniários de que dispunham mal davam para a sua subsistência mais que económica no Bairro Latino?

Ditosos tempos êsses!

Entretanto, o nosso David de Melo, na pujança exuberante dos seus vinte e oito anos, ia recebendo as lições do seu mestre, o grande Jean Paul Laurens, cuja fama corria mundo, graças a tantas obras primas com que tinha enriquecido os mais célebres museus, e que, em face do seu famoso quadro "S. Francisco de Borja, diante do féretro de Isabel de Portugal» conquistára definitivamente a categoria de primeiro entre os primeiros pintores de assuntos históricos.

Os conselhos do mestre encontravam éco na sensibilidade do discípulo.

E, assim, surgiu a magnífica tela "Na missa da Notre Dame» a primeira que David de Melo apresentava em Paris, e que, só por si, bastaria para celebrizar um artista.

As expressões daqueles três velhos relatam, numa síntese admirável, tôda a longa extensão de três vidas acabrunhadas, mas sempre nimbadas duma réstea de fé, último reduto de todos os desamparados.

Enquanto uma das velhas, de face engelhada pelo sofrimento, aguarda a protecção divina que lhe minorará a sorte dura, a outra concentra-se numa prece fervorosa, elevando a sua alma até o ceu, para melhor ser ouvida.

O velhinho de grandes barbas ergue o seu olhar cansado, como que vislumbrando a aproximação da Divina Graça que parece inundar-lhe a fronte austera, num compassivo ósculo de luz.

Quem melhor poderia traduzir o grande poder da Fé? Ao contemplar êste quadro de David de Melo, recordamos os deliciosos versos de Junqueiro:

O' velhos aldeões, exaustos de fadiga,
Que andais, de sol a sol, na terra a mourejar,
Roubar-vos de vosss'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As três achas que leva à noite para o lar!

A' "Missa da Notre Dame» seguiram-se outras obras de autêntico merecimento. E que vida o artista levou na Cidade Luz, tendo por companheiro o saudoso Constantino Fernandes, outro artista de génio, cuja perda ainda hoje é chorada por milhares de amigos e admiradores!

Calcula-se o que seria o viver dêstes dois rapazes cheios de mocidade e talento, perfeitamente à rédea solta nessa vida boémia que Henri Murger tão magistralmente focou... porque a viveu!

David de Melo e Constantino Fernandes, logo que chegaram a Paris, não careceram de arranjar atelier, visto que Teixeira Lopes, em vésperas de regressar a Portugal, lhes cedera gentilmente o seu. E então que atelier! O insigne escultor deixara ficar tudo como estava, num generoso tributo à pátria, pois que de portugueses se tratava. Partiu, portanto, desejando sinceramente aos novos ocupantes daquele artístico recanto os mesmos triunfos que êle conseguira alcançar.

E cada um dos artistas, no maior rasgo de gratidão ao seu alcance, trabalhou afincadamente para que o generoso voto do grande escultor se cumprisse, tanto quanto possível.

«Na missa da Notre Dame»

Regressando a Portugal, David de Melo continuou a trabalhar, mas apenas por amor à arte, produzindo algumas telas magníficas como "A sopa da Santa Casa», "A prece», o "Pinguinhas» e mais algumas que o bom gôsto do Brasil nos arrebatou para si.

Depois, o artista poisou a sua paleta mágica, — em que raras vezes pega para matar saudades — e dedicou-se de corpo e alma a estudar os astros, para o que possui um bem montado observatório com telescópio e instrumentos de cálculo.

Esta tendência de David de Melo evoca-nos a mágua imensa que Alexandre Magno manifestou após uma das suas mais retumbantes vitórias.

— Porque te lamentas — preguntou-lhe um dos seus generais — quando alcançaste um tão grande triunfo?

— E' que lá em cima — respondeu o heroi, elevando o olhar para o ceu estrelado — há tantos mundos a conquistar, enquanto eu luto desesperadamente para conquistar êste em que vivemos!

Será que a sua alma de artista, cansada das misérias humanas, prefere a convivência com os astros que o inspiram?

Seja como fôr, David de Melo, deve descer mais amiudadamente das regiões etéreas em que traz entretido o seu espírito, e vir até nós que, apesar de mortais rasteiros, ainda conservamos um certo culto por tudo o que é belo, e representa a verdadeira arte.

Que o encantem as maravilhas do ceu, a ponto de tentar sondar os mistérios da Lua gelada, nada mais natural e digno até de franco aplauso, mas não tão afincadamente que o levem a trocar os seus pinceis pelas rotações da Ursa Maior.

Que o atraia a volubilidade da graciosa Vénus, bem está. Sendo êste planeta tão caprichoso como algumas mulheres que procuram embelezar-se, David de Melo talvez procure desvendar essa espécie de paixão que o Sol manifesta, iluminando-a com a sua magnificência de arqui-milionário da luz. Mas, daí a esquecer-se inteiramente da outra Vénus que ansiosamente o espera no seu pedestal do Louvre, é que não está certo.

«A prece»

Gomes Monteiro.

UMA excursão de americanos visitava o castelo de Blois em França, ouvindo atentamente as informações do cicerone que, calculando boa gorgêta, se esforçava por explicar minuciosamente os mais pequenos pormenores.

— Nesta sala — informava êle — o rei Francisco I comeu meia dúzia de coelhos, tal era a fome que trazia do seu regresso duma caçada.

— Não há nisso nada de extraordinário — resmungava um dos turistas.

— Façam favor de subir. Temos mais e melhor.

E, entrando noutra dependência, afirmou:

— Nesta sala, o duque de Guise foi assassinado em 1588, por ordem do rei Henrique III. Tinham-no prevenido da sorte que o esperava, mas o duque, encolhendo os ombros, respondeu: "Não chegará a tanto a sua ousadia!„ O rei é que, apesar de tudo, o mandou matar... Todos os móveis são da época.

Aqui, junto da janela, pode vêr-se ainda uma pequena nódoa no sobrado que, segundo a tradição, são restos do sangue do duque de Guise... Sigam-me, meus senhores!

Neste momento, um francês que se tinha agregado aos turistas, aproximou-se discretamente do intérprete e disse-lhe em voz baixa:

— Perdão! Parece-me que o senhor está enganado. Eu visitei o ano passado o castelo de Blois, e lembro-me perfeitamente de que a sala, onde me mostraram a nódoa de sangue proveniente do assassínio do duque de Guise, era noutro pavimento.

Sem se desmanchar, o guia respondeu:

— Tenha paciência!... Êste ano, a sala a que o senhor se refere está em obras...

Ela: Morreu hoje um dos meus numerosos apaixonados. Será disparate dizer: Mais um a menos?
Um deles: *— Dizei antes que amais menos um.*

■

Numa aula de história natural, o professor pregunta a um dos alunos:

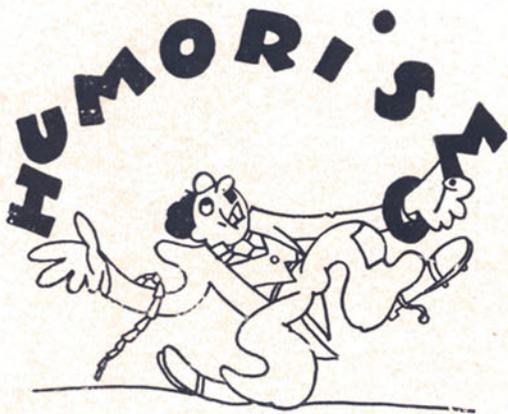
— Os animais possúem realmente o sentimento da afeição?

— Suponho que todos. Pelo menos, quási todos.

— E qual é o animal que sente menos afeição pelo homem?

— A mulher — respondeu o estudante, entre dois suspiros.

■

Seguindo em passeio, dois individuos que tinham enriquecido à custa de traficância, viram um rapazito roubar o chapéu a um pobre diabo que dormia num banco de jardim.

— Veja aquêle desafôro! — roubar o chapéu ao desgraçado!

— Deixe lá, meu amigo. Lembre-se de que todos nós começamos por pouco.

■

Um pobre homem, cuja vida de casado constituiu sempre um verdadeiro martírio, vai acompanhar ao cemitério o cadáver de sua mulher. Como durante o trajecto se mostrasse muito satisfeito, um amigo segreda-lhe:

— Pelo que se vê, vais muito contente!

— Se te parece! replica o outro — é esta a primeira vez que saio com minha mulher, e que ela não arma uma questão comigo pelo caminho!

■

Numa reunião em casa duma titular, veio à discussão o verdadeiro significado dos aneis que os noivos permutam como símbolo duma eterna aliança.

Cada um dos presentes deu a resposta consoante a sua resposta pessoal.

— Porque êsse anel — respondeu uma jovem viuva romântica — é sem fim como o amor.

— Porque é unido e uniforme — sentenciou um velho casado.

— Porque é mais fácil de meter no dêdo do que de tirar — suspirou uma senhora casada ansiosa pelo divórcio.

■

No tribunal, o juiz interrogou o réu:

— Confessa então que fabricava moeda falsa?

— Que remédio, sr. juiz! Se há tanta gente que faz monopólio da verdadeira!...

■

Um petiz, não compreendendo o verdadeiro significado do Padre Nosso que pretendiam ensinar-lhe, pregunta ao pai:

— Porque é que se pede o pão para cada dia, e não se pede logo para um mês?

— E' para termos pão mole, meu pateta — respondeu o pai que não parecia mais adiantado no verdadeiro sentido da oração.

■

Um polícia, sentindo-se apaixonado por uma rapariga sua vizinha, dirigiu lhe vários galanteios e a promessa de casamento. Como ela resistisse, prendeu a.

Quando lhe preguntaram o motivo da captura, respondeu com a maior convicção:

— Prendia-a e está muito bem presa. Resistiu à autoridade.

■

Um caloteiro, ao passar por um crèdor que não pôde evitar, tentou disfarçar a sua atrapalhação, preguntando-lhe que horas eram.

— São horas de pagar o que me deve! — respondeu o outro, de mau semblante.

— Não se guie por êsse relógio que se adianta muito — replicou o caloteiro sem se desconcertar.

■

Numa aula:

O professor: Que forma tem a Terra?

Um aluno: É redonda.

O professor: Como sabe que é redonda?

O aluno: Nesse caso é quadrada. A minha mãe disse-me que não queria que eu tivesse discussões.

■

Durante a última campanha eleitoral em França alguém sugeriu que se apresentasse como candidato aquele *gendarme* de longas barbas que faz serviço na Porte Saint-Denis e que a França inteira conhece:

"O senhor é uma das pessoas mais populares de Paris — diziam-lhe — e com certeza que será eleito.„

Ao que o conhecido *gendarme* respondia cheio de dignidade.

— Mas, meus senhores, por quem me tomam? Eu sou um homem sério e pai de família.

■

— Estou farta de lhe fazer sentir que não gosto de si. Porque insiste nas suas tolas declarações de amor?

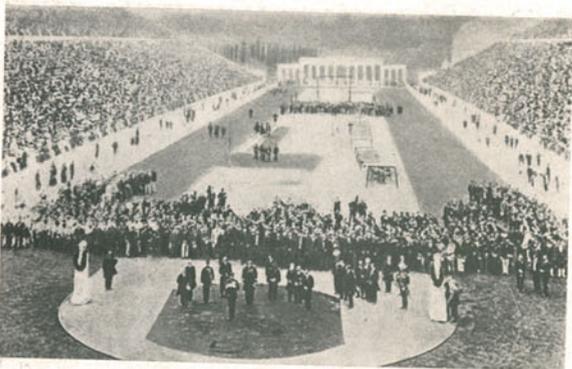
— Então se não gosta de mim porque tem aceitado e comido tantas caixas de bombons que lhe tenho oferecido?

— É muito simples: porque gosto de bombons...

— Meu marido comprou um aparelho de telefonia.
— Com ou sem antena?
— Custou três contos... Havia de ser sem antena?

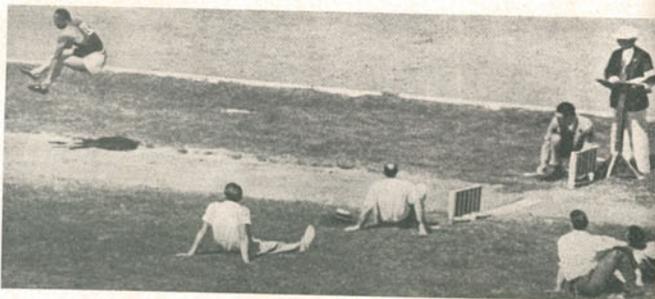
ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

O rei Eduardo VIII de Inglaterra saindo do Palácio de Buckingham para a entrega das bandeiras aos guardas reais. — *A' esqueraa:* o soberano, ladeado pelos seus irmãos, duque de York, duque de Gloucester, assistindo ao desfile da parada.

O ex-rei de Sião e sua esposa assiste em Henley à regata anual — *A' esquerda:* Na Filadelfia, os partidários de Roosevelt hasteiam festivamente o seu retrato em marcha de propaganda para a próxima eleição presidencial. — *Em baixo:* Ante uma multidão de 100 mil pessoas, o presidente Roosevelt comprimenta aparatosamente o vice-presidente John Nance Garner — O pintor Jacob H. Perskie executando o cartaz de Roosevelt para a eleição presidencial. — *No medalhão:* Alfred Landon, que disputa a candidatura a Roosevelt

Em face da XI Olimpíada
que vai começar na capital alemã

A Grécia, pátria do olimpismo, foi escolhida para organizar em 1896 os primeiros Jogos Olímpicos, edificando-se para tal um Estádio em Atenas. Inaugurado em 25 de Março daquele ano, o Estádio tinha a forma curiosa duma ferradura, sendo inteiramente construído em mármore branco. A cerimónia de abertura, à qual assistiram 60.000 espectadores, foi presidida pelo príncipe herdeiro Jorge, um dos mais entusiásticos colaboradores do barão de Coubertin, na iniciativa da ressurreição dos Jogos Olímpicos. A gravura à esquerda representa o Estádio que, há quarenta anos, em pleno coração da divina Hellade, fez rememorar a beleza de há muitos séculos.

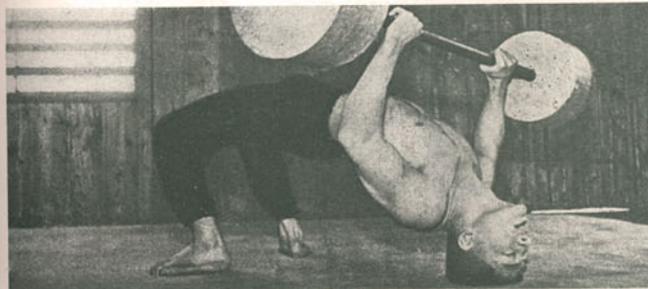
Os Estados Unidos deslocam a Berlim a mais formidável equipa de atletismo de que há memória. Um dos elementos mais em destaque é o negro Jess Owens, campeão de velocidade e extraordinário saltador em comprimento, prova onde é detentor do record do mundo com um pulo assombroso de 8m,13.

É curioso notar a modificação sofrida pelo espírito americano que, apesar de todos os pruridos de racismo, inclui na falange dos seus selecionados uma percentagem avultada de negros, que nas competições atléticas de apuramento se mostraram de longe os melhores. Além de Owens, irão a Berlim dois saltadores em altura, ambos de côr que recentemente bateram o rècord mundial transpondo formidavelmente 2m,07.

O Estádio de Berlim, cuja entrada monumental reproduzimos na esquerda, foi construído especialmente para os Jogos da XI Olimpíada, e fica sendo a mais importante arena desportiva existente na Europa. Com os seus 100.000 lugares espalhados pelas altas tribunas circundantes, o Estádio vai certamente servir de cenário a formidáveis proezas atléticas, como nunca foram vistas no mundo. O magestoso edifício mede 305 metros de cumprimento por 230 metros de largura, apresentando a forma dum oval. A altura exterior é de 17 metros acima do solo, mas o terreno de jogos fica excavado 12m,5, de maneira que os espectadores instalados no cimo da bancada dominam o campo duma altura de 28m,5. As bancadas estão divididas horisontalmente em duas partes por uma galeria coberta que circunda o edifício. Acima desta galeria encontram-se 31 filas e em baixo 40.

A luta greco-romana é um dos mais antigos desportos, figurando já no programa dos Jogos Olímpicos da Grécia pagã. As regras que actualmente regem esta modalidade, inspiradas nos preceitos clássicos são contudo mais severas na determinação dos golpes permitidos, por forma a afastar tôdas as intervenções perigosas para os combatentes que devem ser leais.

A cidade californiana de Los Angeles foi escolhida para séde dos jogos de 1932, construindo para tal fim um estádio de cem mil lugares, onde nem um posto ficou vago nos dias das provas mais emocionantes. Apesar das dificuldades financeiras de tão extensa deslocação, 40 nações enviaram representantes aos jogos de Los Angeles, e entre elas contava-se Portugal que, lutando embora contra todos os entraves provenientes dum desinteresse oficial, tem caprichado em cumprir sempre os seus compromissos olímpicos. Desta vez, em face da XI Olimpíada, Portugal saberá fazer realçar mais uma vez as inconfundíveis qualidades da sua raça.

O Japão, pretendente aos Jogos de 1940, é talvez a nação que maior esfôrço desportivo tem dispendido para atingir o primeiro plano nas competições olímpicas. Os nadadores nipónicos são os melhores do mundo, tendo conseguido bater, em Los Angeles, os próprios americanos. Em atletismo, mercê das qualidades de agilidade e resistência que são características da sua raça, também os japoneses alcançaram triunfos notáveis, sendo campeões do triplo-salto e dos melhores na Maratona.

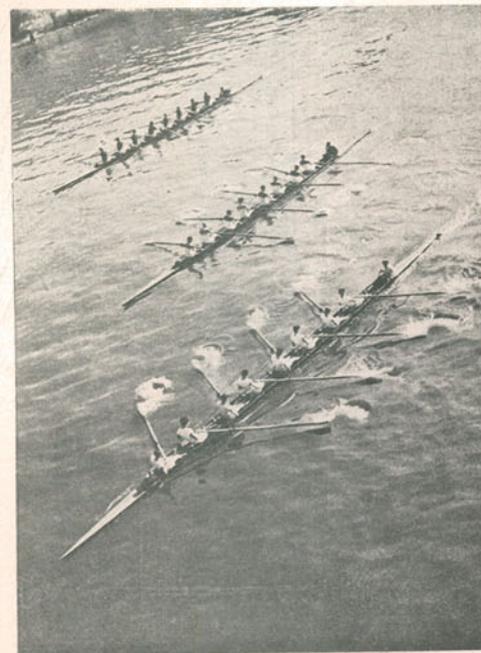
Pela primeira vez enviam os japoneses a uma competição olímpica um grupo de lutadores, dos quais se espera com interêsse o comportamento pois foram sejeitos no seu país a um treino severo e original, fora das normas habituais da especialidade. É conhecida a tenacidade japonesa.

A beleza espectaculosa das competições de remo, fez destas provas um dos grandes atractivos dos jogos de Berlim. Nas margens da ribeira de Grünau, onde se disputam as regatas olímpicas num percurso de quatro quilómetros, foram construídas grandes tribunas que, apesar da sua amplitude, vão ser insuficientes para conter os milhões de pessoas que pretendem ocupar um lugar. De tôdas as corridas que figuram no programa, aquela em que lutam os barcos com tripulações de oito remadores são as mais emocionantes. Os americanos tem sido sempre os triunfadores desta provas, parecendo que desta vez ainda lhes não escapará a vitória. Seja, porém qual fôr o resultado, podemos desde já prever para as provas de remo um dos maiores êxitos dos Jogos Olímpicos de Berlim. Ressalta também a beleza do cenário.

Em pleno céu, parecendo desafiar as leis da gravidade, o corpo flectido num arco regular de impressionante beleza estética, êste atleta, que parece voar, é um especialista de saltos para a água nos seus exercícios desportivos.

A fotografia colheu uma imagem precisa da trajectória.

Vai cair na água, não como um Ícaro desiludido e pesaroso, de asas partidas, mas como um triunfador que, na sua impressionante descida, consegue atingir a mais bela das ascensões ao pedestal da vitória.§

MARIA ANTONIETA

DE VERSAILLES À CONCIERGERIE

Na vida humana nada é seguro, e ninguem pode estar tranquilo na situação que tem, e, quanto mais elevada é essa situação, maior pode ser a queda. Ninguem se deve orgulhar do seu nascimento, nem da sua situação, amanhã pode estar-se piór que a mais miseravel das criaturas.

O acaso das combinações, fez-me fazer na minha última estada em Paris, duas visitas, em dias sucessivos, que me fizeram meditar e pensar na instabilidade da vida nêste mundo e da sua falta de segurança.

A primeira visita foi a Versailles, essa maravilha, que a fantasia grandiosa de Luiz XIV, o Rei-Sol, criou e desenvolveu em magnificência, visita, que se repete vezes sem conto, com verdadeiro interêsse, porque as obras de arte, como a música são para ser vistas, e ouvida inúmeras vezes e de cada vez agradam mais.

Mas se Luiz XIV e Luiz XV deram a Versailles a maior magnificência e o maior brilho, não sei porquê, a figura que mais evocamos ao fazer essa visita é a de Maria Antonieta, a última rainha que ali viveu. Essa rainha que criança ainda saíu da côrte austera e grave de sua mãi, a imperatriz Maria Tereza, modêlo de soberana, de mãi e de católica, e caíu sem experiência e cheia de ilusões, radiante de beleza, na côrte luxuosa e dissoluta do velho rei Luiz XV exemplo de desmoralização e de libertinagem.

Para o espírito da joven princeza um pouco frívolo e entusiasta do belo, o meio não podia ser piór, nem mais propício a desenvolver as suas tendencias para o luxo e para o desperdicio, pois foi êste o seu maior defeito.

Porque tudo o que nessa época se disse sôbre a sua honestidade de mulher, está hoje provado serem falsas acusações, a que o seu espírito frívolo e o seu entusiasmo nas amisades e afetos dava um certo relevo, e que não passavam de invenções infames dos inimigos do trono. Maria Antonieta foi a vítima, não diremos inocente, porque dos seus desperdícios veio muito mal para o povo, mas quási inconsciente dos erros e dos crimes dos reis e rainhas das côrtes que a precederam no trono que S. Luiz tinha santificado.

Ao visitar Versailles, temos a impressão de reviver a época de Maria Antonieta, sente-se no palácio flutuar a alma dessa linda mulher, que apenas cometeu o crime de ser fútil, crime que tanta mulher comete e que não expia, como ela o expiou.

Essa rapariga simples que chegou de Viena habituada a uma vida patriarcal, que quando entrou na côrte de França sentiu horror pela vida que ali se fazia, não querendo receber as amantes do avô de seu marido, que por todos eram recebidas, tentou na vida simples do «petit Trianon, vida que seu marido o bom Luiz XVI tanto apreciavam modificar os costumes, mas a a sua alma era fraca para reformadora e foi ela a arrastada no turbilhão do luxo e do prazer onde a sua belesa radiosa brilhava como uma resplandecente estrela.

Os seus retratos atestam em Versailles o que era o seu encanto e a sua distinção; sobretudo no admirável retrato que dela fez Madame Vigée le Brun, o pintora que melhor exprimiu o seu encanto, rodeada de seus filhos, o pequenino que teve a felicidade de morrer e os dois que, vítimas da revolução, sofreram martirios e foram o maior espinho da alma da desditosa quando subiu ao cadafalso. O esplendor da sua vida cegava-a para a realidade que a rodeava, e o seu desmesurado orgulho fazia-a sentir-se intangivel.

Maria Antonieta e seus filhos

E como êsse orgulho foi esmagado, despedaçado pela desgraça demonstra-o uma simples visita á Conciergerie, a êsse quarto, a essa húmida toca, que confrange a alma, e que ainda hoje atesta o sofrimento atrós dáquela que foi uma das mais aduladas rainhas do mundo.

Depois das galerias dos salões majestosos de Versailles, das rendas e dos veludos, um lôbrego e estreito quarto húmido e escuro com uma feia janela de grades, em frente duma negra parede, único horisonte, que parecia desde logo dizer-lhe que a vida estava terminada.

E é nesse cárcere horrível em que a piedade humana poz uma lápide e almas piedosas ainda hoje enfeitam com flores, que essa mulher sofreu quatro longos anos, de humilhações e martírio, vívidos dia a dia, hora a hora.

Nesses quatro anos a sua beleza murchou e aos 36 anos ela era essa linda velha que Prieur admiravelmente retratou, pondo nos seus olhos toda a amargurada resignação da sua alma.

Dessa alma que a desgraça revelou, porque essa mulher que no fausto e na grandeza, se mostrou frívola e fútil, que no meio da intriga da côrte não soube destrinçar os seus verdadeiros amigos dos aduladores falsos, que sacrificava o bem do povo que Deus lhe déra para conduzir, ás suas amisades de momento, foi na desgraça duma sublime resignação e teve a maior dignidade, no sofrimento.

Maria Antonieta é um dos maiores exemplos, de que a semente duma sã e bôa educação fica sempre no fundo das almas, ainda daquelas que aos nossos olhos parecem superficiais e fúteis.

A filha de Maria Tereza, se não soube ser a imitadora de sua mãe, quando reinava e quando influira na fraca vontade de seu marido, mostrou na hora da desgraça e que horrível desgraça, que era bem a filha dessa mulher superior e que o seu exemplo não fôra infrutífero.

A filha de Maria Tereza, a grande imperatriz cristã, sofreu como uma cristã. Voltou os seus olhos para Deus que permitia que ela, filha de reis, sofresse como Cristo, Filho de Deus, grandes tormentas no mundo mau dos homens. A sua dignidade no sofrimento resgata completamente a sua frivolidade nos anos de grandeza e Deus sabia, ao experimentá-la, que a elevava para a posteridade, fazendo nascer em todos os peitos uma terna aflição, e, em todos os espíritos uma grande admiração por essa alma de mulher.

A energia de sua mãe renasceu na filha, na hora de martírio, durante quatro anos animou seu marido, foi então que ela compreendeu o que êle sabia e como era grande o seu coração e valiosa a sua alma, com suprema resignação animava os seus filhos e aceitava com ternura o afecto da princeza Izabel sua cunhada, essa santa que acompanhou todos os seus nesse martírio tão longo.

E depois de ver morrer os que a tinham servido tão dedicadamente, de ver matar o seu marido, de se ver enlameada pelas mais infames acusações, ela subiu ao cadafalso, com a majestade de rainha, subiu os degraus do patíbulo com uma dignidade e uma coragem, que só de joelhos, se pode admirar, porque era uma mãe que deixava os seus filhos entregues aos seus maiores inimigos!

E qual era a sua inquietação por eles, demonstra-o a sua última carta para a princesa Isabel, mas essa inquietação não a impediu de dar ao mundo o espectáculo, duma morte, que só uma augusta rainha podia ter, e uma resignação, que só uma cristã pode demonstrar.

Manifestou duas qualidades: a dignidade que eleva e a fé que ampara e torna heróicos os que a possuem.

Maria de Eça.

A ARTE DA BELEZA

Ovídio, tendo escrito a deliciosa "Arte de amar„, não se esqueceu da arte do toucador, inspirando-se talvez nas suas "Metamorfoses„. Escreveu um belo poema, que intitulou "Os Cosméticos„, e tinha por assunto os polvilhos, perfumarias e outros ingredientes de *toilette* com que as damas se olvidavam para aumentar os encantos que enfeitiçavam, como enfeitiçam ainda, os homens escravizados à sua vontade.

Surgiram os médicos, ponderados e severos, a declarar que quási todos êsses ingredientes aplicados para conservação das qualidades da pele, continham substâncias venenosas, visto serem confeccionados por perfumistas e não por farmaceuticos. Eram prejudiciais, portanto, visto que, obstruindo os orifícios da pele, impediam que a respiração cutânia se fizesse. Acrescentavam que as essências com que eram combinados resultavam igualmente prejudiciais, pois causavam alteração do olfato, excitavam os fenómenos nervosos, e, no fim de contas, nada concorriam para a conservação da beleza. Receitavam, então, vários ácidos, adstringentes, bâlsamos, resinas. etc., salientando que tais ingredientes não deviam ficar muito tempo em contacto com a pele. A sua acção poderia ser tónica, embora momentânea.

Êstes médicos passaram com os seus doutos conselhos, como passaram também as tradicionais botas de elástico. Hoje, em dia, são os mais distintos farmaceuticos que apresentam os mais extraordinários produtos de beleza que um sábio engendrou no mistério impenetravel do seu laboratório.

E, como se não bastasse, aparece agora o escritor Jack Dawn, encarregado da secção de maquilhagem dos estudios da Metro Goldwin Mayer, em que têm feito verdadeiros prodígios. No seu atelier trabalha confeccionando máscaras que servem para a criação das suas personagens.

A actriz cinematográfica Elisabeth Allan não teve a menor hesitação em sujeitar-se às experiências do mestre Dawn que, por meio de tintas especiais, se dispôs a transformá-la por completo.

Ficará mais bela ainda?

Sabe-se que Dawn pode mudar completamente, no curto praso de uma hora, o tipo de qualquer pessôa — e isso basta para que a vedeta, sempre insatisfeita, deseje transfigurar-se num verdadeiro dc beleza.

Pelo visto, as operações de Jack Dawn não são dolorosas... mas que o fôssem? Não haveria mulher que, para tornar-se mais bela, hesitasse em sujeitar-se às piores torturas.

Hà tempos, a escritora Maryse Choisy levou o seu capricho a mandar cortar os seios. No seu livro "Un mois chez les hommes„ descreve essa operação bizarra e acaba por dizer com uma ingenuidade encantadora:

"Para fazer a minha viagem ao Monte Athos tive de cortar rentes os meus cabelos. Quando os vi caír aos golpes da tesoura do meu cabeleireiro, tive mais pena dêles do que dos meus seios!„

É assim essa mulher caprichosa — e tôdas as mulheres são mais ou menos assim.

No dia em que fizessem crêr a qualquer mulher que, para ficar mais bela, deveria cortar cs braços, a Vénus de Milo passaria a ter mais uma perigosa concorrente.

Se para dar viço à pele é necessário pôr uma máscara de lama ou de qualquer substância repugnante, para que vacilar?

A arte da beleza foi de todos os tempos — e hà-de continuar na sua marcha triunfal enquanto o mundo fôr mundo.

A arte de embelezar o rosto vem de há tantos séculos que seria difícil fixar-lhe a verdadeira origem.

O célebre médico Criton, que teve a honra de velar pela saúde do imperador Trajano, deixou escrito o famoso "Tratado dos Cosméticos„ que ficou traduzido em grego, latim e egípcio. Êste livro estava dividido, segundo a afirmação de Galêno, em quatro partes que compendiavam os ensinamentos de Arquígenes, da rainha Cléopatra e de Heráclides de Tarento. A primeira parte tratava dos cabelos e da pele; a segunda, dos banhos e perfumes a adoptar; e a terceira e a quarta, das alterações e doenças que prejudicavam a beleza. Não pensem, portanto as elegantes de hoje que a arte de enfeitar o rosto é pouco menos moderna do que elas próprias. Isto foi de todos os tempos.

Segundo Juvenal, Roma tinha nos seus ginásios e balneários um grupo seleccionado de escravas encarregadas da *toilette* das matronas, e que, por isso mesmo, se chamavam *cosmétrias* ou *ornatrices*. Havia as *depilaristas* que tiravam os cabelos, as *cinoflones* que pintavam e frisavam os cabelos, as *picatrices* que o limpavam, as *psecasias* que tratavam das essências, as *dropecistas* que tratavam das mãos e dos pés, as *catoptrices* que seguravam os espelhos, as *apreciadoras* que dirigiam a operação, e as *lorarias* que distribuiam as chicotadas que o capricho da matrona mandava dar à escrava que a arrepelasse ou se enganasse em qualquer das funções a seu cargo.

PÁGINAS FEMININAS

A vida é feita de contrastes. E é nesses contrastes que está, talvez, o seu maior encanto. Para que apreciemos um bem é preciso que o mal se patenteie, bem vivamente aos nossos olhos, e, duma forma por vezes bem dolorosa.

O bem é obra de Deus, o mal é obra dos homens. E' freqüente ouvirmos inúmeras queixas da época que atravessamos, mas essa época é fruto do orgulho humano do seu esquecimento das leis divinas e do desejo de se impor, que lança a humanidade na luta, criando o ódio de nação para nação e a desordem dentro dos próprios países.

Foi-me dado agora presenciar um dos maiores contrastes da vida, que me veio provar que a felicidade está na humanidade, na vida simples bem próximo à natureza e não na super-civilização, que desenvolve a ambição e todos os maus sentimentos que a alma humana abriga.

Depois de três semanas passadas em Paris, cidade que é sem dúvida o centro da civilização europeia, encontro-me num recanto do Minho numa das mais simples e formosas aldeias, dum recanto de Portugal, vou dizer-lhes as minhas impressões e dir-me-hão se razão não me assiste, quando atribuo o mal ao homem e à sua ambição desmedida.

Em Paris essa cidade, que é uma das mais belas da Europa, senão a mais bela, cidade que acendeu o facho da civilização, que ilumina o mundo, cidade intelectual, onde o espírito humano refulje lançando os mais brilhantes raios das facetas talhadas no diamante da ciência, cidade da Arte e do bom gôsto, que nas mais pequenas coisas se revela, notava-se um extranho mal estar.

A multidão que cruzava durante o dia tinha êsse ar extenuado que dá uma tensão contínua dos nervos, as distrações muitas vezes perigosas, que ao público se ofereciam, denotavam o desejo de aturdir a neurasténica tendência dos super-civilizados, que nada diverte, nada distrai e antes tudo aborrece.

O ódio sentia-se ferver nas camadas sociais envolvidas numa perigosa luta em que nunca poderá haver vencedores mas sempre pobres vencidos, fiquem nandando uns ou outros.

As greves rebentavam todos os dias, corria-se às casas de víveres, na ânsia de não morrer de fome, se a greve atingisse as classes, que fornecem de víveres o imenso monstro de fauces abertas que é a cidade da Luz

A mocidade estudiosa a juventude radiosa que à tarde, ao fechar das escolas, invade o «boulevard Saint Michel» afagava a alegria própria da sua própria ideia nas mesmas lutas, nos mesmos ódios. Conservadores vendiam corajosamente com a «panache» francesa os seu jornais num passeio, espreitados no passeio fronteiriço, por extremistas avançados que no seu ódio deixavam escapar imprecações.

E nem mesmo nessa idade em que tudo é belo e que tudo sorri, a mocidade parisiense gozava a vida que tão belas coisas lhe oferece, abandonando o lindo jardim do Luxemburgo, que a dois passos lhe oferecia um belo concerto, enlêvo de arte, debaixo da fresca ramaria dos castanheiros, para se degladiar em estéreis e fraternas lutas, acesas e envenenadas pela ambição tremenda de certos homens que no escuro trabalham, numa obra de destruição.

Aqui nesta paz da aldeia minhota, nesta paisagem idílica, o espectáculo é bem diferente. O santo trabalho dos campos é feito com descuidada alegria. Gente simples, que apenas tem o necessário para viver, vive na alegria sã da vida simples e sem complicações, comendo o que colheu dos seus campos e bebendo o vinho verde, que a vinha dá.

Corpos que o absinto não envenena, almas que a descrença não corroí, e, assim temos a vida com a satisfação do dever cumprido, a obediência ao pároco que tão bem as sabe dirigir e a felicidade que a fé em Deus e o saber contentar-se com que a vida lhes traz, dá às almas puras e sem ambições dum mundo, que não sabem nem podem exercer.

E, hoje, ao assistir a uma procissão pelas ruas da aldeia, ao acompanhar êsse povo que atraz da Sagrada Eucarístia seguia com compostura e devoção espelhando no rosto a simplicidade da alma, eu senti a consolação de ver que a humanidade é boa, e a vida uma coisa agradável e útil, quando o ódio e a maldade não destroem na alma dos povos a crença em Deus, e, não desenvolvem a ambição e o desespero, que lança os homens uns contra os outros, nessa cidade onde a civilização material impera e onde a onda avassaladora do mal quer matar a espiritualidade, que torna simples as almas e fácil a vida.

A felicidade está na simples vida natural onde as preocupações são as que a chuva ou o sol trazem, onde os pobres sabem que a fome as não matará, porque os vizinhos que têm mais, não tendo a alma ressequida pelo egoismo, com êles repartem o que têm, e, caldo que chega para quatro, dá que comer para cinco.

E é esta a verdadeira fraternidade humana a que se faz sentir com a caridade, e, não a fraternidade que ateia ódios e se desentranha em bombas.

Viver numa aldeia linda, na doce paisagem de Portugal, entre gente boa e simples é talvez a completa felicidade se a felicidade é dêste mundo.

Maria de Eça.

A moda

Em plena época de verão a moda traz-nos as suas surprezas e as suas novidades. Este ano, coisa extraordinária para esta autoritária tirana, que às vezes nos impõe verdadeiros sacrifícios, que chegam a ameaçar o melhor bem da humanidade que é a saúde, a moda está-se adaptando ao tempo irregular que tem feito e se nos apresenta vestidos leves, que tão bem sabem nos dias de grande calor, não deixa de contar com os dias frios e até chuvosos que de vez em quando nos visitam com tanto desagrado nosso.

Devemos portanto estar gratos à moda amável, que se preocupa com a nossa saúde e o nosso bem estar.

Para o campo e para as praias os vestidos leves com a correcção dos ligeiros abafos, que diminuem o risco das constipações que nos traz a mudança rápida de temperatura.

Para de manhã para ir à praia temos uma fresca «toilette» em «piquet» branco da maior simplicidade que tem apenas como guarnição botões vermelhos, uma gravata vermelha e um cinto vermelho e branco. O grande chapéu é também em «piquet» branco guarnecido com uma fita em «gras-grain» vermelho. Sandálias em pelica encarnada completam o gracioso e muito simples conjunto.

Para a tarde um elegante e simples vestido numa lã muito leve de côr «beige», um «empiécement» completamente pespontado, dá uma grande novidade a êste vestido. Este «empiécement» modela os ombros e termina no pescoço com um gracioso laço em «piquet» branco, punhos dêste tecido enfeitam as mangas.

O cinto e os botões são em couro castanho guarnecidos a metal dourado, o chapéu em palha «beige», guarnecido com uma tira de pelica castanha e uma aplicação dourada.

Acompanha-o um «tailleur» que se ressente da influência russa no casaco cintado de longa aba e cintura justa, a saia e casaco, são num grosso tecido de algodão azul marinho, novidade dêste ano. Por dentro blusa de «organdi» branco, com «jabot» plissado. Um chapéu em palha branca guarnecido com um «pompom» azul escuro e outro branco completa a graciosa «toilette» que tem novidade no tecido e no feitio.

Para viagem, saia em «tweed» côr de ferrugem e casaco «trois quarts» ligeiramente cintado, em quadrados côr do ferrugem e castanho. Blusa em «jérsey» castanho, feltro ferrugem guarnecida com um véu castanho, sapatos em camurça castanha e mala do mesmo.

Vestido rosa pálido em «crêpe de Chine», com um alto cinto, casaco plissado em seda preta, contas de azeviche, chapéu de palha côr de rosa com laço em «glacé» preta. Sapatos sandálias em polimento preto. As flores da cintura são em rosa «ciclamen».

Para a tarde vestido em «jersey» de seda preto, que se presta admirávelmente aos «drapés» dêste vestido que tem na sua linha, qualquer coisa da «toilette» da mulher oriental de há alguns anos. O pequeno casaco é também «drapé» numa originalíssima forma.

Chapéu todo em florês, azul «bluet» colocado ao lado, um cinto doirado tornam muito chique êste «ensemble».

Começaram a aparecer os chapéus de feltro o que não é para estranhar visto, que os chapéus de palha apareceram em Fevereiro.

Damos um lindo modêlo de feltro azul escuro, guarnecido a fita branca, que completa graciosamente o «tailleur» clássico azul escuro e a blusa em sêda branca.

São sempre estas «toilettes» simples da maior elegância e apreciadíssimas pelas senhoras que gostam de vestir com cómoda simplicidade, apesar de já não terem novidade, têm sempre as suas devotas, que não as abandonam e que demonstram um senso prático que devemos aplaudir.

As praias e a elegância

Estamos na época das praias e a elegância impõe às escravas da moda a nudez dos indígenas selvagens do interior de Africa, e essa imposição leva algumas senhoras, que durante todo o ano são recatadas, a exporem aos olhos críticos de tôda a gente, as suas belezas íntimas e também os seus defeitos, porque belezas perfeitas são raríssimas.

Como é que a mulher se sujeita a isto? É natural que deseje estar na areia à sua vontade sem a sujeição da cinta, mas para isso não é preciso estar despida e em exposição aos olhos de todos.

Há elegantes e simples vestidos de praia, que permitem o «à vontade» aliado à decência, o que é sempre vantajoso, para uma senhora que se preza de o ser.

Não é compreensível que uma senhora que todo o ano se impõe ao respeito das suas criadas e dos seus filhos, porque está na praia se mostre quási nua, apenas com uma tanga e um «soutient-gorge».

Que respeito podem ter as crianças a uma mãi nessa «toilette».

E' respeitável a higiene, mas pode aliar-se à decência e ao pudor o que é sempre vantajoso para o decôro da mulher.

As flores e a mulher

As flores não são apenas ornamento da mulher e decoração do ambiente em que ela vive. As flores são também medicamentos que mantem a sua beleza e a sua saúde «en forme». Os lírios são, não só a flor decorativa e bela que todas conhecemos, mas o seu brilho ou cebola, esmagada em leite e fervida é o melhor líquido para a beleza da pele da cara e das mãos.

Se as pernas têm tendência para inchar e perder a sua delicada linha, nada melhord o que fazer uma infusão de «hamaenélis» e bebê-la ao deitar, no dia seguinte de manhã as pernas estão desinchadas e com uma impecável fórma.

Se o parecer não é bom logo de manhã, e, se os nervos estão irritados preocupando-nos com tudo o que temos a fazer, eis a ocasião de tomar depois de jantar uma infusão de valeriana ou de passiflora.

Para engordar temos a centaurea, remédio eficaz para a anemia e o emagrecimento, que já passou de moda, dá apetite e tomando duas vezes por dia um chá de centaurea temos o apetite aberto e o bom humor que é uma das graças da mulher.

Se a voz não está harmoniosa e a rouquidão nos ameaça é chegada a ocasião de tomar um chá de perpétuas roxas e de hera com uma pedrinha de goma arábica, tomado bem quente, meia hora mais tarde podereis cantar como um rouxinol e ter um sucesso na melhor peça do vosso reportório.

Como aperitivo nada ha de mais recomendável do que a raiz de genciana, põe-se uma raiz num copo de vinho branco e tapa-se, de manhã um quarto de hora antes do almoço de garfo, toma-se e o almoço torna-se o mais apetecível possível.

Para ter uns lindos olhos sãos e um límpido e atraente olhar, ferver folhas de rosa vermelha, e quando a água estiver tépida, aplicar parches de algodão molhados nessa água sobre os olhos, e, assim tereis os mais lindos olhos do mundo e isto devido ás rosas, a flor querida da mulher que a adorna maravilhosamente e que é o melhor remédio para os seus olhos espelho da alma.

Receitas de cosinha

Bolo inglês com passas e cidrão: Manteiga 200 gramas, farinha de trigo 200 gramas, açúcar refinado 200 gramas, ovos de tamanho médio 4, passas de lorinto 50 gramas, cidrão 50 gramas.

Começa-se por bater a manteiga, tornada um tanto fluida pela acção do calor, durante dez minutos; junta-se-lhe depois o açúcar e bate-se outro tanto tempo, em seguida os ovos e continua-se a bater durante dez minutos; por último a farinha e bate-se durante meia hora.

A' massa batida acrescentam-se as 50 gramas de passas de lorinto e igual quantidade de cidrão, cortado em pedaços pequenos, mistura-se tudo muito bem e deita-se numa fôrma untada com manteiga, a massa não deve encher a fôrma, para não transbordar ao crescer o bolo, com o cozimento.

Mete-se no forno que deve estar a bom calor e vigia-se, logo que começa a aloirar, dão-se lhe dois golpes em cruz para que possa ficar bem cosido por dentro. Não ha melhor bolo para a hora do chá e pode dizer-se que é um bolo económico.

Higiéne e beleza

Estamos na época das praias, nessa época em que a moda impõe tanto á mulher como o homem o banho de sol e portanto a pele tostada pelo calor e pelo ar iodado.

Este ano o sol raramente tem feito sentir a violência dos seus raios, mas basta o ar forte do mar para que as peles delicadas, comecem a avermelhar e em seguida a tomar o tom bronzeado, que tanto agrada às mulheres de hoje e que as nossas avós, acham horrível, apegadas ainda às cutis de leite e rosas.

Em todo o caso é para recomendar às senhoras de pele delicada todo o cuidado na maneira de se exporem ao sol, não o devem fazer sem primeiro untar a cara e o corpo com óleo de coco ou com uma pomada que tenha por base a lanolina.

E' também para recomendar que se exponham ao sol gradualmente, no primeiro dia cinco minutos, e ir aumentando até que a pele, sem sofrimento, suporte á acção da luz e do ar. As queimaduras do sol, além do mal estar que produzem, são nocivas e devem evitar-se.

De mulher para mulher

Rosa branca: Ninguem melhor que o seu médico lhe pode dizer o que lhe convem, se a praia ou o campo e até a montanha, mas se não tem médico e á sua saude tudo é indiferente e apenas o desejo de mudar de ambiente a leva a saír da cidade, escolha o que mais lhe agrada, debaixo do ponto de vista, elegância, tudo é aceite.

Alda: Em Paris vê-se tudo e hoje em Lisboa com as facilidades de comunicação pode dizer-lhe que temos as modas ao mesmo tempo, que elas aparecem na Cidade Luz. Para género simples o que se vê mais são os casacos «trois quarts» largas formando pregas, ou «godets» nas costas. O calçado, assim como as luvas, são da côr predominante na «toilette».

Violeta: Faz muito bem de aproveitar as suas belas férias no descanso completo do campo, sem pretensões, e, muito melhor de as aproveitar lendo, como faz. Ha efectivamente métodos para aprender o inglês sem mestre. Mas é uma língua que tem uma pronúncia dificílima, e apesar de ter uma gramática fácil, para o falar correntemente é necessário sem dúvida ter professor.

Pensamento

Quem sabe viver com pouco, não sente falta de coisa nenhuma.

(La Fontaine).

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Jardim da Estrela

A comissão de senhoras da nossa primeira sociedade que, nos dias 27 e 28 de Junho último, realizou no Jardim da Estrela, à tarde e à noite, um festival de caridade a favor da Obra de Assistência aos Pobres Doentes, pede-nos a publicação do resumo da receita e despeza da mesma festa: receita—bilhetes de entrada em 27 e 28, dia e noite —6.011$50; aluguer de cadeiras para assistir aos diversos espectáculos — 263$85; receita das diversas barracas de comidas, bebidas, café, loiças, livros, burricos, ginkana, rifas e percentagem na venda de gelados — 3.012$05; esmolas diversas 620$00, resultando um total de 9.907$40.

Despeza: — Transporte de mesas, barracas, cadeiras, etc. - 341$00; salários aos guardas do jardim, e diversos, e vencimentos dos polícias — 760$00; contribuições, licenças camararias, licença da Sociedade de Autôres e Inspecção de Teatros - 382$40; instalação electrica — 1.300$00; consumo de energia electrica — 200$00; música da marcha do rancho da Madragôa e honorarios do Indiano 500$00; transporte de cantadores de fado, despezas diversas de papelaria, cervejas, vinhos e outros produtos para as barracas de venda — 937$75, resultando um total de 4.421$15. Saldo líquido — 5.486$25.

Festa elegante

Como era de prevêr, revestiu extraordinário brilhantismo e elegância, a festa que os cronistas mundanos e nossos colegas de trabalho, Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, realizaram na esplanada do «Retiro da Severa» na noite de terça-feira 14 de julho último, em cujo programa tomaram parte as notáveis artistas Adelina Fernandes, Maria Albertina e Maria do Carmo Tôrres, que mais uma vez tiveram ocasião de evidenciar os seus méritos artísticos, e Maria Luiza, Margarida Pereira, Alfredo Marceneiro, Filipe Pinto, Alberto Costa, José Porfírio, e Júlio Proença, que como sempre, marcaram como cultivadores da «Canção Nacional», a pequena Maria Aliete Rodrigues Moreira, a «Laurinha do Rádio Peninsular» e as estreantes Carmen Santos e Natália dos Anjos, às quais a selecta assistência não regateou aplausos, bem como aos distinctos artistas Armandinho, José Marques, Santos Moreira, Alberto Corrêa, Alfredo Costa, solista de viola, e Armando Pereira, o «Charlot do Pôrto» que, ao terminar os seus números, fôram vibrantemente aplaudidos.

Nos intervalos dos vários números do programa houve baile que foi abrilhantado pela exímia orquesta «jazz-band» Gounod.

Na assistencia a esta festa recorda-nos ter visto, entre outras, as sr.as: D. Pepita Teixeira Soares, viscondessa de Tojal, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patricio, D. Filipa de Sá Pais do Amaral Coelho, D. Josefina Morales de los Rios Frois e filhas, D. Silvia Belfort Cerqueira Street, D. Etelvina de Sousa Falcão, D. Maria Joana de Brito e Abreu Portugal, D. Atanazia de Brito e Abreu Crow, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Maria das Dôres Silva Monteiro, D. Judit Barbosa Cohen e filha, D. Laura Mendes de Almeida Ivens Ferraz e filha, D. Adelaide Atouguia Roque da Fonseca, senhora do dr. Jorge Falcão, D. Palmira da Costa e Silva, D. Maria Primitiva Fernandes Muiños e filha, D. Conchita Marin, D. Fanni Fonseca, D. Maud de Mendonca, D. Carmen Turnes, D. Izilda de Vasconcelos Salgado e filha, senhora de Francisco Vinhas, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, D. Maria Izabel de Castro e Almeida, D. Maria Rosa Dantas Rodrigues dos Santos, D. Maria de Lourdes Moreira de Campos, D. Maria Amélia Rodrigues de Carvalho, D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto de Lima, D. Maria da Paz Lopes Batalha, D. Marieta Bernaud Caiola, D. Albertina Pimentel de Vasconcelos e Sá e filhas, D. Maria Dora Costa, D. Alice Lopes de Almeida Smit, senhora de Carlos Moutinho de Almeida e filhas, D. Adelina Diniz de Almeida, D. Alda Ferreira Soriano e filha, senhora do dr. Campos Coelho, D. Maria da Conceição Paraizo Mourão, D. Alda Aguiar Santos Gomes, D. Maria Geada Correia Marques, D. Germina Borges de Carvalho Rombert, D. Adélia Borges de Carvalho, D. Izabel Lallemant de Figueiredo, D. Branca Soares Branco, D. Otelinda Chaves de Carvalho, senhora de Nicolau Cardoso e filha, D. Maria de Almeida da Mota Marques, D. Paulina Clemente Pinto, D. Zina Pombo da Ponte e Souza, D. Laura Pinto, D. Maria José Braga Ribeiro Ferreira, D. Candida Ribeiro Lopes, D. Maria do Lorêto Manoel de Borja Trindade, D. Maria Luiza e D. Sara Maria de Lemos Lisboa, D. Berta Crêspo Rego, senhora de Barral Filipe, D. Maria Crêspo Costa, D. Maria Amélia Rego, D. Fernanda Velasco de Oliveira, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Corrêa de Sampaio de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), D. Gracinda de Castro Araujo, D. Maria Domingas e D. Maria Filomena Müller da Rocha, D. Maria Amélia Santos Fontes Pereira de Melo, D. Maria da Luz Figueiredo e D. Maria Seabra da Costa.

Casamentos

Realizou-se na paroquial do Coração de Jesus, o casamento da sr.ª D. Ivone Sousa Barata, gentil filha da sr.ª D. Beatriz de Sousa Barata e do sr. Pedro Gonçalves Barata, com o sr. Armando de Freitas, filho da sr.ª D. Virgínia de Freitas e do sr Augusto de Freitas, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche na elegante residência do tio da noiva sr. Américo Gonçalves Barata, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Com a maior intimidade, realizou-se na capela da quinta do Pastor, em Benfica, o casamento da sr. D. Maria Emília de Fontes Pereira de Melo, com o sr. D. Eduardo Guedes de Queirós (Foz), servindo de madrinhas as sr.as D. Maria das Dores de Albuquerque Lobato Fontes Pereira de Melo, tia da noiva e a condessa da Foz, mãi do noivo, e de padrinhos os srs. D. Pedro de Melo de Assis Mascarenhas e o Marquês da Foz, respectivamente tio materno e irmão do noivo, sendo o acto presidido pelo prior da freguesia do Santo Condestável, reverendo Francisco Maria da Silva, amigo íntimo da família dos noivos, que no fim da missa fez um brilhante alocução.

Finda a cerimónia, foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a quinta da Tôrre de Santo António, em Tôrres Novas, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria do Carmo Pereira de Mendonça, interessante filha da sr.ª D. Maria do Carmo Pereira de Mendonça e do sr. dr. Marçal de Mendonça, com o sr. Carlos Vinhas Júnior, filho da sr.ª D. Joana Palanque Vinhas, já falecida, e do sr. Carlos Vinhas, servindo de madrinhas, as sr.as D. Palmira Machado da Cruz e D. Maria Vinhas da Conceição, tia do noivo, e de padrinhos o avô da noiva, sr. Manuel Pereira Madeira e o pai do noivo. O acto foi presidido pelo prior da freguesia, reverendo António de Oliveira Reis, que, no fim da missa, fez uma brilhante alocução.

Durante a cerimónia, um quarteto dirigido pelo professor Libório, executou vários trechos de música sacra. Na elegante residência dos pais da noiva foi servido um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o norte, em automóvel, onde foram passar a lua de mel.

— Presidido pelo prior da freguesia de Santos-o-Velho, reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa, fez uma brilhante alocução, realizou-se na capela da quinta de Mil Flores, propriedade dos tios da noiva, sr.ª D. Gabriela Lamayer de Aragão Morais Carneiro e do sr. Jerónimo José Carneiro, o casamento da sr.ª D. Maria Emília Carneiro Neto Rebelo, gentil filha da sr.ª D. Alice Carneiro Rebelo e do sr. José Filipe Neto Rebelo, com o sr. Joaquim de Macedo Barros, filho da sr.ª D. Adelina Macedo Barros e do sr. José Afonso de Barros, já falecido, tendo servido de madrinhas a tia da noiva sr.ª D. Gabriela Lamayer de Aragão Morais Carneiro, e a mãi do noivo, e de padrinhos os srs. Jerónimo José Carneiro, tio da noiva, e Manuel Macedo Barros, irmão do noivo.

Acabada a cerimónia, foi servido no salão de mesa do palacete da Quinta de Mil Flores, um lanche, partindo os noivos para Leiria.

D. Nuno.

Casamento da sr.ª D. Ivone Sousa Barata com o sr. Armando de Freitas: Os noivos à saída da igreja

(Foto Melo)

«A REVOLUÇÃO DE MAIO»

O Minho — o jardim de Portugal — deu ao filme «A Revolução de Maio» a beleza da sua inegualável paisagem, a formosura das suas mulheres, o pitoresco dos seus costumes, a côr e o movimento das suas danças.

É porque se trata duma passagem da História Pátria, que nesta produção nos apresenta a primeira década sob a égide do Estado Novo, ficam bem nesta produção cinematográfica todos os motivos que fazem do nosso país razão de encantamento de naturais e estrangeiros. Soube António Lopes Ribeiro, que está dirigindo os trabalhos de «A Revolução de Maio» escolher muito bem os pontos que mais podem interessar a quem deseja conhecer Portugal e aperceber-se da alegria do seu povo, da firmeza do seu carácter, e de quanto faz para o tornar cada vez mais lindo e melhor.

O Minho todo verde, a confinar-se no azul do céu, com os seus cantares, com os seus bailados, com a graça das suas mulheres é um quadro onde os nossos olhos não se cansam de rever quanto Portugal é belo!

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

IMPRENSA

Publicações recebidas

Gazeta — de Ponta Delgada. — Com regularidade, temos recebido a gentil visita dêste tri-mensário, em que o ilustre confrade Costa Oliveira — *Catos* — continua, brilhante e inteligentemente, a dirigir a sua secção *Edipismo*, que se apresenta com óptima colaboração e é, nas ilhas, um dos melhores baluartes de defesa e propaganda do Charadismo.

Gratos pela remessa dos exemplares e as nossas desculpas pela ingratidão da tardia referência, a que tinha jus.

O Charadista — de Lisboa. — Foi dado recentemente à estampa mais um número do órgão oficial da Tertúlia Edípica — o 66 — que se apresenta com vasta colaboração em prosa e verso, firmada pelos mais distintos ornamentos do charadismo brasileiro e nacional. Dá-nos ainda, em princípio, os resultados da 4.ª etapa do C. I C., notícias várias, «Carta de Lisboa», do nosso distinto confrade *Jofralo* — velho paladino do charadismo —, e apresenta duas novas secções, destinadas, como tôdas as iniciativas da T. E., a êxito e agrado certos: *Palavras cruzadas enigmáticas*, interessantíssima pela originalidade, e *Xadrez*, que vai fazer as delícias dos xadrezistas habituais leitores de *O Charadista*. É esta uma iniciativa de incontestável mérito, que tem ainda a valorizá-la a douta cooperação de um dos mais distintos xadrezistas portugueses — o dr. Mário Machado.

À inteligente Direcção da T. E. gostosamente apresentamos as nossas felicitações.

Deca — do Rio de Janeiro. — Recebemos, por intermédio da Tertúlia Edípica, os n.os 11 e 12 desta esplêndida revista charadística brasileira, órgão e propriedade do *Deca*, superiormente dirigida pelo confrade Óscar Costa — *Cartos* —, a cuja pena se deve o interessante e oportuno artigo «Não brasileiros», a propósito da idéia da realização do I Congresso Charadístico em Lisboa, publicado em fundo no n.º 12.

Recheado de colaboração de confrades brasileiros e portuguêses, *Deca* é um belo documentário charadístico, digno de ser conhecido e colaborado por quantos ao charadismo se dedicam.

Brados do Alentejo — de Extremoz, inserindo a sua habitual secção charadística *Colunas de Édipo*, sob a direcção de *Caçador*, e

Jornal de Elvas, em que *Sopmac* continua a orientar *Cantinho de Édipo*.

A todos, os nossos agradecimentos.

APURAMENTOS

N.º 54

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

KOSSOR
N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

LORD X
N.º 24

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 22, Efonsa; n.º 4, Veiga; n.º 25, Miss Diabo; n.º 5, Chim Pan Zé; n.º 19, To-My.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 27 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 63

QUADRO DE MÉRITO

Silva Lima, 24. — Ti-Beado, 24. — Capitão Terror, 22. — Salustiano, 20. — Rei Luso, 20 — Só-Na-Fer, 19. — Só Lemos, 19. — Sonhador, 19. — João Tavares Pereira, 18 — Lamas & Silva, 17. — Salustiano, 17.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 11. — D. Dina, 10. — Lisbon Syl, 10. — Aldeão, 9.

DECIFRAÇÕES

1 — Remo-moer-remoer. 2 — Rela-lapso-relapso. 3 — Cava valo-cavalo. 4 — Passapé. 5 — Sóbrio. 6 — Floresta. 7 — Meada. 8 — Ababalhos. 9 — Monomaquia. 10 — Alfama-alma 11 — Pechincha-pecha. 12 — Gebreira-gera. 13 — Falado-fado. 14 — Pífio-pio. 15 — Bofia-boa. 16 — Lixa (LÁ tem nove (IX) no meio). 17 — Alar-largar-alargar. 18 — Tacha-chada-tachada. 19 — Abra-brasa-abrasa. 20 — *Maldito*. 21 — Pasmoso. 22 — Cuidado-cuido. 23 — Opaco-ôco. 24 — *Olhador-odor* 25 Cativo-cavo. 26 — Denodo-dedo. 27 — Do mal o menos.

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A *arrogância* de muita mulher desaparecia com um simples «*esfrega*» de casas — e não haveria tanta menina *orgulhosa*... (2-2) 3.

Lisboa — *Mad Ira*

2) *Agora*, a *regra* do *discurso*. (2-2) 3.

Lisboa — *Mefistófeles*

NOVÍSSIMAS

3) Fui a um *território que forma o domínio de um duque* e vi um homem *arrogante* com uma *moeda austro-húngara de oiro*. 3-4.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C)*

4) É uma *desgraça* para aquele que «*cai*» no *terreno onde se não permite caçar*. 2-1.

Leiria — *Magnate (L. A. C.)*

SINCOPADAS

5) Homem *ligeiro*, homem *verdadeiro*. 3-2.

Leiria — *Magnate (L. A. C)*

6) É *bazófia* dizerem que eu já *namoro*... 3-2.

Tramagal — *Padre Matos*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

7) — Se a cento e um
Uma «nota» juntar,
Azeite de peixe
Há-de ver segregar.

Luanda — *Ti-Beado*

TRABALHOS DESENHADOS

13) ENIGMA FIGURADO

Lisboa — *Micles de Tricles*

LOGOGRIFO

(A propósito da crise em Angola)

Agradecendo muito penhorado ao ilustre charadista angolense «Efonsa»

8) O Império Colonial!
Diz-se, e alegra o coração.
Mas no comércio local,
Pioneiros do sertão,
Que *desânimo* fatal! — 5-3-6-4

A borracha não se extrai;
Não salva o frete. E o café
Vai pelo mesmo *caminho*. — 3-4-2-7
Jaz na Alfândega, não sai...
E o tendeiro de má fé
Vende chicória ao povinho.

O arroz, não vindo em casca,
Não pode aqui *agradar*; — 2-4-7-3
Certo grémio ganhou-lhe asca
Nem o deixa despachar!

O tabaco vem de Havana,
E o d'Angola está banido.
Vem o açúcar da cana
Mas com *desconto*... é sabido. — 2-7-3-1

O milho, enorme *riqueza*, — 4-6-3-4
Do Bié e de Benguela,
Não dá p'ro custo e despesa,
Mesmo com grémio-tutela.

Que há-de o comércio exportar?
Couros? Cera? Há cá demais.
Gado, a manada? «É tramar» — 5-7-2-4
Marchantes continentais.

Em que há-de o *negro* fazer — 1-5-3-4
Dinheiro para o imposto?
Se o não tem põe-se a «mexer»
Muda de casa e de pôsto.

O comércio abre falência,
A agricultura definha.
Desalento, *decadência*:
Derrocada em tôda a linha!

Lisboa — *Sileno*

MEFISTOFÉLICA

9) *Manifeste* o seu deeejo,
A *fôrça* do coração...
Um *amplexo* com um beijo,
Que doce consolação! — (2-2) 3

Lisboa — *Sodargil*

10) A lenda conta (e tem assaz moral)
Que em Saint-Mirel, ou seja na Bretanha,
Sob uma rocha negra e colossal
Tesouro estava, com *ardil* ou manha. — 2

E que essa rocha, em noite de Natal,
Se deslocava até chegar ao rio,
Voltando então, depois, ao seu local,
Ficando um ano sem qualquer desvio.

Um camponês, *maluco*, quis ficar — 3
Com tal tesoiro, que era dos Druídas;
E quando a rocha vê, no deslocar,
Na cova salta, em febres insofridas.

E fica tonto — tantas as riquezas! —
E tal demora tem que a rocha volta...
Esmaga o pobre sôfrego em grandezas,
Que nem sequer um só gemido solta.

Assim castiga Deus os avarentos,
Com seu poder enorme e justiceiro!
E nem precisa usar quaisquer inventos;
E nem precisa ser um *feiticeiro*.

Lisboa — *Silva Lima (T. E. – L. A. C.)*

11) Se me dessem *liberdade*, — 2
Com a minha graça em riste
Era a «*causa*», na verdade, — 1
De não acabar o *chiste*.

Lisboa — *Ulsi Ráfer*

SINCOPADAS

12) O teu *rosto magro* indica
Só maus tratos e desgôsto...
Quem usa o meu creme fica
Com outro modo — outro *rosto*... — 3-2

Lisboa — *Miss Diabo*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

FIGURAS E FACTOS

O XIV Pôrto-Lisboa em bicicleta

Realizou-se a difícil prova de ciclismo Pôrto-Lisboa, tendo sido considerado vencedor o famoso Trindade que percorreu os 360 quilómetros em 11 horas 15 minutos e 23 segundos. Além dêste celebrado corredor, bateram também o récord da prova, Ildefonso, Ezequiel, Felipe de Melo e Aguiar Martins, tendo Cosson, o melhor francês, sido classificado em 6.º lugar. As gravuras em cima representam Trindade junto de José do Nascimento, um dos ases de 1911, e um aspecto da corrida. — Ao centro: — Os escoteiros de Beja prestando homenagem aos Mortos da Grande Guerra.

Dr. Joaquim Manso

O novo livro do dr. Joaquim Manso, — «Pedras para a construção de um mundo» — constitui um verdadeiro acontecimento na vida literária portuguesa. O ilustre escritor mostra-se, como sempre, um prosador de larga envergadura que sabe burilar como poucos a língua portuguesa, e empolgar o leitor desde a primeira à última página, deixando apenas a mágua de não ter mais dois ou três volumes.

Êste livro, cuja edição foi dirigida pelo bom gôsto gráfico de Luiz de Montalvor, honra o seu autor que pode ser considerado, sem favor, um dos mais cintilantes espíritos da nossa literatura.

Desde há muitos anos que admiramos o fulgurante talento dêste homem de letras que, sem afrouxar a sua acção jornalística, consegue ser um conferencista notável, e produz ainda livros magníficos como êste que publicou agora. Uma tal actividade é rara nos tempos que vão correndo, como raríssimo é encontrar-se quem saiba escrever entre milhares de analfabetos com pretensões inconcebíveis. Se o dr. Joaquim Manso teve a peregrina idéia de carrear «pedras para a construção dum mundo» melhor do que êste em que vivemos, oxalá que a sua iniciativa seja coroada do maior êxito. Pelo menos, deu o seu exemplo de escritor modelar, e, só por isto, merecia ser imitado, a bem de todos, por quem pretende escrever.

Dr. João de Barros

Subordinado ao título «Um grande educador — João de Deus Ramos e a obra dos Jardins Escolas», o ilustre escritor dr. João de Barros acaba de publicar um *plaquette* em que enternecidamente enaltece a obra modelar do excelso autor da «Cartilha Maternal» que o seu filho tão magnanimamente soube consolidar.

Ao querido dr. João de Barros os nossos efusivos aplausos por mais esta encantadora obra que realizou.

Caetano Teixeira de Aragão

«A Mulher embalsamada» é o título duma curta novela que o sr. Caetano Teixeira de Aragão escreveu a propósito duma frase trocada com a impertinência duma senhora durante um jantar íntimo. Daí, a fantasia do poeta dos «Torvelinhos» fez o resto.

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —.
Copas — A, 8, 7, 6.
Ouros — D. 7.
Paus — R.

Oeste		Este
Espadas — 6.	N	Espadas — 9, 8.
Copas — — — —.	O E	Copas — R. D. 10, 4.
Ouros — 9.		Ouros — 8.
Paus — V. 9, 8, 7, 3.	S	Paus — — — —.

Espadas 10, 2.
Copas — 5.
Ouros — 4.
Paus — D. 10, 2.

Trunfo é ouros. *S* joga e faz 6 vasas.

Solução do número anterior.

S joga o 10 de copas, *N* joga o Valete de copas e joga depois o Rei de copas, baldando-se *S* ao 9 de ouros.

N joga 8 de copas e *S* balda-se a Valete de ouros.

N joga o 6 de ouros, *E* entra com o 7 de ouros e faz vasa sendo obrigado a jogar espadas para debaixo de *N* que assim fará as quatro cartas de espadas.

Somas consecutivas

Solução

As somas das diversas partes em que o quadro fôra dividido eram as seguintes: 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23.

Mudando o 7 para 4, já soma 20 em vez de 23, ficando portanto a série dos números, seguindo sem interrupção.

Ventriloquia Antiga e moderna

Muitas pessôas julgam que a ventriloquia é uma arte que nenhum mortal, que não tenha dotes especiais, pode chegar a dominar, e todavia não existe semelhante coisa. Vintriloquo pode ser qualquer pessôa que tenha paciência suficiente para aprender a arte e a praticá-la bastante.

Tôda a questão se resume em enganar o ouvido. Na realidade, o que o ventríloquo tem que aprender é apenas o falar sem mover os lábios e saber distraír a atenção dos ouvintes.

O falar com o estômago é uma tolice do povo, pois ningem pode articular sons senão com a laringe.

Os sacerdotes do antigo Egipto empregavam muito a ventriloquia para formularem os seus oráculos.

O homem luminoso

A imprensa estrangeira consagrou, o ano passado, muitos e longos artigos ao caso de um carteiro de Salónica, Anastácio Economos, cujo corpo emitia raios luminosos tão fortes que iluminavam um quarto escuro onde êle entrasse.

O presidente da Sociedade das pesquizas, M. Tanagras, interrogado pelos jornalistas, declarou que não poderia pronunciar-se sôbre o assunto sem ter examinado cientificamente o carteiro em questão; mas acrescentou que o fenómeno, todavia, não era raro, e lembrou o caso do estudante Panajotti Conloumbaki que acendia uma lâmpada eléctrica simplesmente esfregando-o nas mãos. O químico Dossis que submetera Coloumbaki a um exame assegurou que se tratava duma fôrça dinamo-eléctrica latente no corpo daquele estudante

M. Tanagras referiu-se também ao caso duma doente em tratamento numa clínica de Monaro (Itália) que em cada crise da enfermidade de que sofria, emitia raios luminosos do seu peito.

O apetite das aranhas

O célebre sábio inglês, sir John Lubbock, bem conhecido pelos seus curiosos trabalhos sôbre os insectos, publicou uma vez o resultado dos seus estudos com respeito ás aranhas.

Depois de ter pesado vários dêsses insectos, antes e depois das suas refeições, eis a conclusão a que chegou o notável homem da ciência:

Com um pêso relativamente igual, um homem adulto, para comer a mesma quantidade que uma aranha, teria de engulir dois bois inteiros, treze carneiros, uns dez porcos e quatro barricas de peixe, e tudo isto em vinte e quatro horas!

Em vista disto, não devia dizer-se uma fome canina, mas sim uma fome de aranha.

Até 1850 não se conheciam os pardais nos Estados Unidos. Nesse ano, o Brooklin Institute, querendo sem dúvida prestar um grande serviço á agricultura americana, fez ali a sua introdução.

Fundaram-se sociedades para facilitar a sua propagação por meio de ninhos artificiais, e á primeira expedição seguiram muitas outras, até que, em 1870, os pardais estavam espalhados por todo o vasto território americano e em tal numero que se chegaram a temer os seus estragos.

4	8	4
8	O	8
4	8	4

Hão de notar que os números acima somam, ao todo, 48, enquanto as linhas de fóra somam de cada lado, 16,

Trata-se de dispor os números de modo que a soma total de 48 não seja alterada, mas que as linhas de fóra fiquem somando, de cada lado, 20 números.

— Minha filha mais nova, que tem 25 anos, tem trinta contos de dote; a outra, que tem 30 anos, há-de ter quarenta e cinco contos.

— E não tem nenhuma que conte 40 anos?...

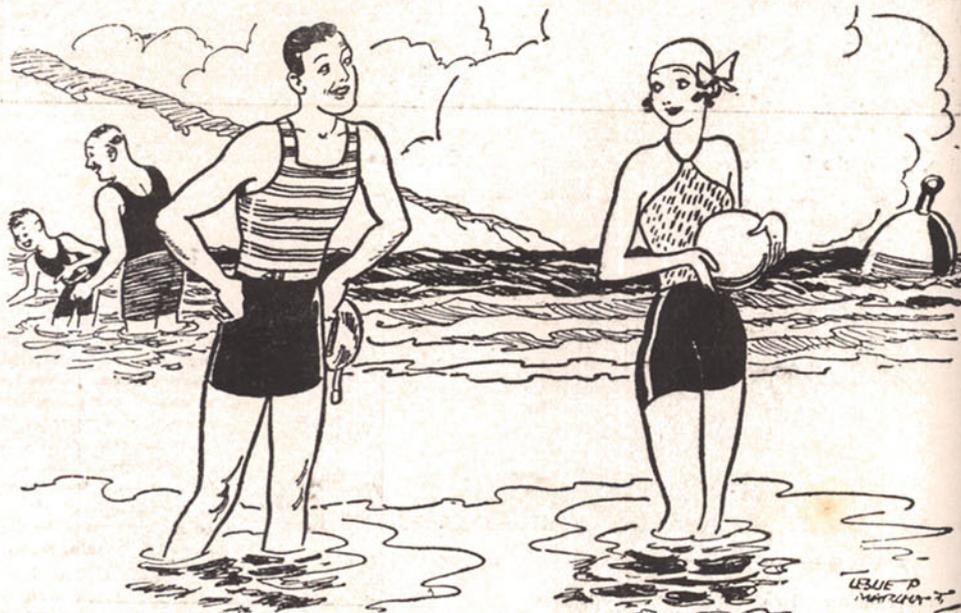
■

Ela: — Enfim, o que tens tu que dizer a essa tal D. Eugénia?

Ele: Simplesmente que é uma mulher de sessenta anos que parece ter cinquenta, que imagina ter quarenta, que veste como uma mulher de trinta e que se comporta como se tivesse vinte!...

■

A irmã solteira: — O quê? tu convidas as Cardosos essas intriguistas, essas más línguas, essas papa-jantares?

A irmã casada, concluindo a carta: — «Minha irmã associa-se comigo para lhe exprimirmos tôda a sorte de amabilidades.

Êle: — Não me deixa ensiná-la a nadar?
Ela: — Obrigada, mas não é necessário; eu já sei nadar.
Êle: — Ah! então, nesse caso, importava-se de me ensinar a mim?

(Do «The happy Magazine»)

E' a de Santo Amaro de Oeiras a praia que prefere?

Compare o que lhe custa uma viagem isolada e o que lhe custa a mesma viagem com assinatura em séries de 52 viagens, que podem ter inicio em qualquer dia do mês:

	2.ª classe	3.ª classe
1 viagem isolada de ida e volta custa.........	8$05	5$35
A mesma viagem de ida e volta custa aos possuidores de		
1 cartão para 26 viagens válido por 1 mês...	6$24	4$07
2 cartões » 52 » válidos por 2 mêses	5$74	3$76
3 » » 78 » » » 3 »	5$26	3$44
4 » » 104 » » » 4 »	4$86	3$17

Se fôr a Santo Amaro de Oeiras com assinatura		2.ª classe	3.ª classe
26 vezes num mês....	ECONOMISA	47$30	33$35
52 » em 2 mêses.	ECONOMISA	119$80	83$05
78 » » 3 »	ECONOMISA	21$785	149$30
104 » » 4 »	ECONOMISA	33$250	226$80

Sendo passageiro de 2.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

21 vezes num mês ....
38 » em 2 mêses ....
51 » » 3 » ....
63 » » 4 » ....

Compre uma assinatura

Sendo passageiro de 3.ª classe, se fôr a Santo Amaro de Oeiras mais de

20 vezes num mês ....
37 » em 2 mêses ....
51 » » 3 » ....
62 » » 4 » ....

Compre uma assinatura

Dirija-se à Estação do Caminho de Ferro no Cais do Sodré se pretender mais esclarecimentos

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

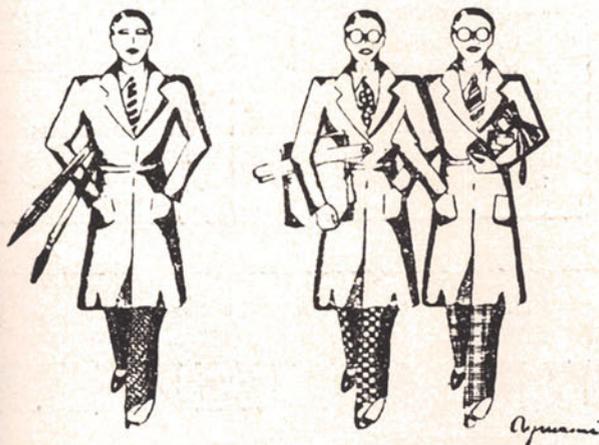
Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

GRAVADORES IMPRESSORES

TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

O que há no vosso Horoscopo

Deixai-me vo-lo dizer Gratuitamente

Não desejaria saber sem que nada lhe custe, o que indicam as estrêlas relativamente ao seu futuro; em que será feliz; em que terá bons êxitos; o que lhe trará a prosperidade, o que se refere aos seus negócios; a casamento; a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a periodos de sorte e de azar; a catástrofes a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas emprezas e a muitas outras coisas de indiscutivel Interêsse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma Leitura Astral da sua vida, ABSOLUTAMENTE GRATUITA.

GRATUITAMENTE

A vossa leitura astral que não constitue nada menos do que duas páginas dactilografadas ser-vos-há enviada imediatamente, pelo grande Astrólogo, as predições do qual despertam o interêsse nos dois continentes. Deixai que vos revelem, gratuitamente, factos espantosos que podem mudar o curso da vossa vida e trazer-vos o sucesso, a felicidade e a prosperidade.

Professor ROXROY
O eminente Astrólogo

Basta que escreva o seu nome e a direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Sr. ou Sr.a (casada ou solteira ?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quizer pode incluir 2$50 para cobrir as despezas de porte e de expediente. Não guarde para amanhã. Escreva já. Endereço: **ROXROY STUDIOS, Dept. 6602C, Emmastraat 42, A Haia, Holanda.** Sêlo para Holanda: Esc. 1$75.

Nota. — O Prof. Roxroy é tido em grande estima pelos seus numerosos clientes. Êle é o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de tôdos os trabalhos, pelos quais êle pede remuneração, serem feitos sob condição de satisfação completa ou reembolso do dinheiro pago.

À VENDA

PENSADORES BRASILEIROS

PEQUENA ANTOLOGIA

POR CARLOS MALHEIRO DIAS

INDICE: Prefácio — Gilberto Amado — Ronald de Carvalho — Baptista Pereira — Azevedo Amaral — Gilberto Freire — Tristão de Ataide — Plinio Salgado

1 volume brochado . . . **8$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. 24$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — ***Júlio Dantas.***

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 5.ª edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualisada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnifica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina

Esc. 30$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** = Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar físicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

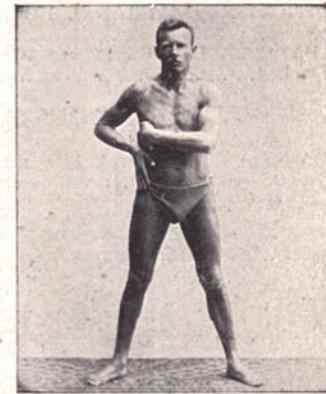
Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côres, broch. Esc. 12$00; encad. Esc. 17$00; pelo correio à cobrança mais 1$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA